

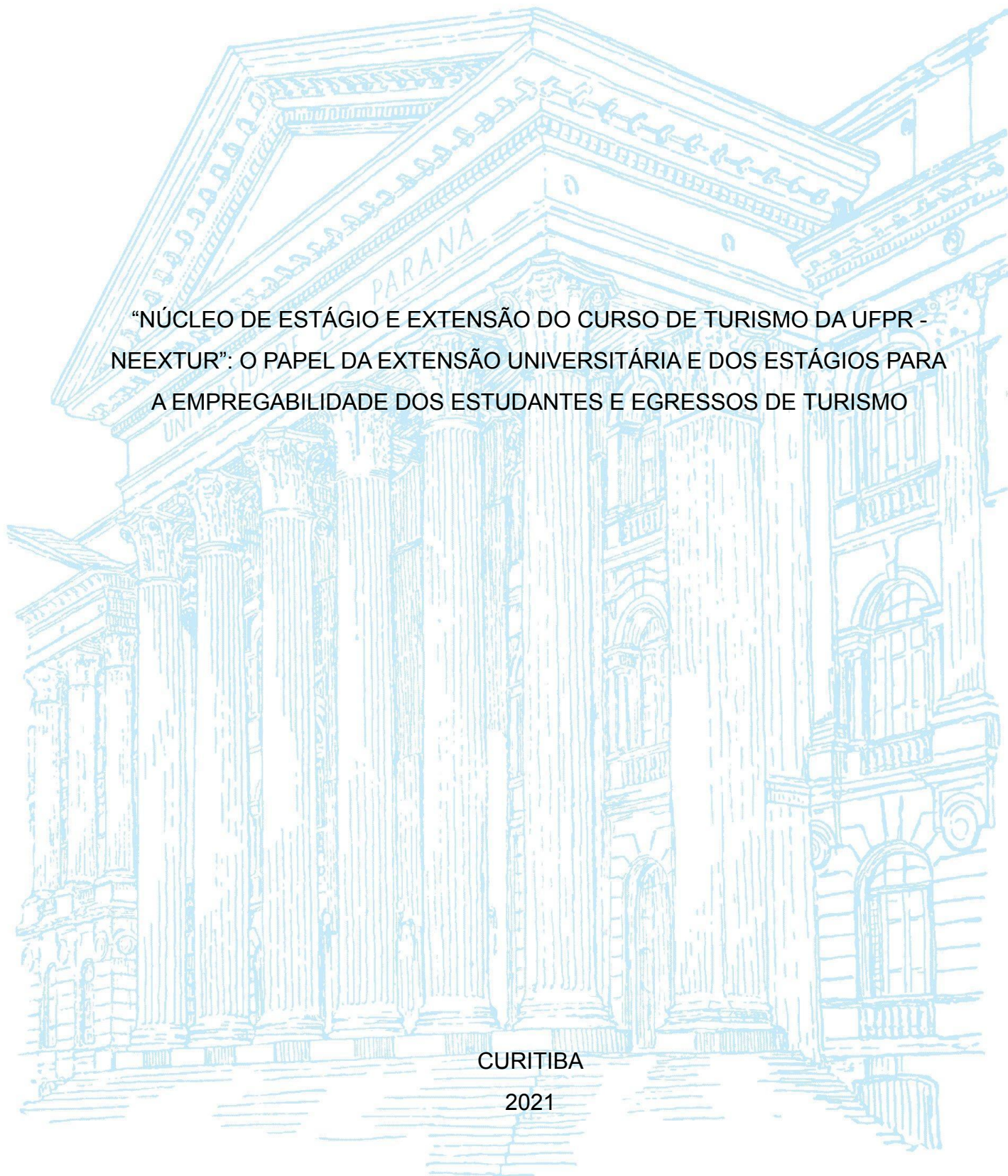
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VICTÓRIA XAVIER DUTRA

“NÚCLEO DE ESTÁGIO E EXTENSÃO DO CURSO DE TURISMO DA UFPR -
NEEXTUR”: O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DOS ESTÁGIOS PARA
A EMPREGABILIDADE DOS ESTUDANTES E EGRESSOS DE TURISMO

CURITIBA

2021



VICTÓRIA XAVIER DUTRA

“NÚCLEO DE ESTÁGIO E EXTENSÃO DO CURSO DE TURISMO DA UFPR -
NEEXTUR”: O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DOS ESTÁGIOS PARA
A EMPREGABILIDADE DOS ESTUDANTES E EGRESSOS DE TURISMO

Projeto de Planejamento e Gestão em Turismo
apresentado ao Curso de Turismo, do Setor de
Ciências Humanas da Universidade Federal do
Paraná, como requisito à obtenção do título de
Bacharel em Turismo.

Orientadora: Profa. Dr.a Marcia Nakatani

CURITIBA

2021

RESUMO

As perspectivas do turismo como uma atividade econômica promissora e o apelo desenvolvimentista da atividade fizeram com que, na década de 1990, os cursos superiores de turismo no Brasil passassem por uma expansão abrupta e massiva. Contudo o crescimento quantitativo não foi acompanhado pelo desenvolvimento qualitativo, o que, em partes, gerou a diminuição no número de cursos e de pessoas interessadas na formação superior em turismo no Brasil. Entretanto, as consequências destas incongruências na formação superior em turismo no cenário nacional permanecem e ainda geram problemas para a formação em si e para o setor do turismo no geral, como o não alinhamento entre academia e mercado. Neste contexto, as práticas multiprofissionais, como os estágios e as atividades de extensão universitária, definem-se como um importante elemento no ambiente universitário. Isto pois estas práticas podem resultar em um maior envolvimento acadêmico, em qualificação pessoal e profissional, em complementação da formação e em uma aproximação entre a academia e o mercado. Neste sentido, o presente trabalho teve como objetivo geral propor a criação de um Núcleo de Estágio e Extensão para o Curso de Turismo da Universidade Federal do Paraná - NEEEXTUR. A pesquisa exploratória-descritiva, de caráter qualitativo e quantitativo, teve como objetivos específicos: 1) Descrever o desenvolvimento dos cursos superiores em turismo no Brasil de 1970 a 2020; 2) Compreender a empregabilidade do mercado de trabalho de turismo e suas problemáticas; e 3) Entender o papel da extensão universitária e dos estágios na formação profissional dos bacharéis em turismo. Para isso, foram utilizados dados de fontes primárias (questionários para docentes e discentes do Curso de Turismo da UFPR e para entidades de classe de Curitiba e Região Metropolitana) e de fontes secundárias (pesquisa bibliográfica e documental). Como resultado, identificou-se que tanto na visão das empresas do setor do turismo, quanto dos alunos e docentes, há uma lacuna na integração entre mercado e academia, que dificulta o atingimento de múltiplos interesses. Também observou-se que, para os agentes envolvidos (discentes, academia e mercado), o estágio e a extensão universitária influenciam na empregabilidade, pois estão intimamente ligados ao desenvolvimento profissional e pessoal dos acadêmicos. Estes resultados deram base e reiteraram a proposta de criação do NEEEXTUR e de seus dois projetos de extensão vinculados, o Centro de Empregabilidade e o Centro de Qualificação, que irão promover o direcionamento da comunidade acadêmica da instituição ao mundo do trabalho, através de ações que visem a obtenção de vagas de estágio e emprego, além de fornecer uma formação continuada e permanente para os mesmos e para egressos e trabalhadores do turismo no geral, a partir de qualificações e treinamentos estratégicos. Desta forma, o NEEEXTUR irá trabalhar com os cinco princípios da extensão universitária, como impacto e transformação social, e proporcionar um retorno social para o ensino superior de turismo e para outros cursos da Universidade Federal do Paraná, para os acadêmicos, egressos e trabalhadores do turismo no geral, e para o mercado do turismo.

Palavras-chave: Turismo. Formação superior em turismo. Empregabilidade. Estágio. Extensão universitária.

ABSTRACT

The perspectives of tourism as a promising economic activity and the activity's developmental appeal meant that, in the 1990s, higher education courses in Brazil underwent an abrupt and massive expansion. However, quantitative growth was not accompanied by qualitative development, which, in part, led to a decrease in the number of courses and people interested in higher education in tourism in Brazil. However, the consequences of these inconsistencies in higher education in tourism on the national scene remain and still generate problems for training itself and for the tourism sector in general, such as the lack of alignment between academia and the market. In this context, multidisciplinary practices, such as internships and university extension activities, are defined as an important element in the university environment. This is because these practices can result in greater academic involvement, in personal and professional qualification, in complementing training and in a closer relationship between academia and the market. In this sense, the present work aimed to propose the creation of an Internship and Extension Center for the Tourism Course at the Federal University of Paraná - NEEXTUR. The exploratory-descriptive research, qualitative and quantitative, had the following specific objectives: 1) Describe the development of higher education courses in tourism in Brazil from 1970 to 2020; 2) Understand the employability of the tourism labor market and its problems; and 3) Understand the role of university extension and internships in the professional training of bachelors in tourism. For this purpose, data from primary sources (questionnaires for professors and students of the Tourism Course at UFPR and for class entities in Curitiba and the Metropolitan Region) and secondary sources (bibliographic and documentary research) were used. As a result, it was identified that both in the view of companies in the tourism sector, as well as students and teachers, there is a gap in the integration between market and academia, which makes it difficult to achieve multiple interests. It was also observed that, for the agents involved (students, academia and market), the internship and university extension influence on employability, as they are closely linked to the professional and personal development of academics. These results supported and reiterated the proposal to create NEEXTUR and its two linked extension projects, the Employability Center and the Qualification Center, which will promote the direction of the institution's academic community to the world of work, through actions that aim at obtaining internship and employment vacancies, in addition to providing continuous and permanent training for them and for graduates and tourism workers in general, based on strategic qualifications and training. In this way, NEEXTUR will work with the five principles of university extension, such as impact and social transformation, and provide a social return for higher education in tourism and other courses at the Federal University of Paraná, for academics, graduates and workers from tourism in general, and for the tourism market.

Keywords: Tourism. Higher education in tourism. Employability. Internship. University Extension

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 -	AUTORES E TÓPICOS A SEREM TRATADOS NA REVISÃO DE LITERATURA.....	17
QUADRO 2 -	FASES DE DESENVOLVIMENTO DOS CURSOS SUPERIORES EM TURISMO NO BRASIL DE 1970 A DÉCADA DE 2000.....	21
QUADRO 3 -	MODALIDADES DE EXTENSÃO E SUAS DEFINIÇÕES.....	32
QUADRO 4 -	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA A PARTIR DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	37
QUADRO 5 -	PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS ASSOCIAÇÕES DO TURISMO DE ACORDO COM OS TÓPICOS E AUTORES TRATADOS NA REVISÃO DE LITERATURA.....	41
QUADRO 6 -	PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO COM DOCENTES DO CURSO DE TURISMO DA UFPR DE ACORDO COM OS TÓPICOS E AUTORES NA REVISÃO DE LITERATURA.....	42
QUADRO 7 -	PROJETOS PROPOSTOS PELO PROGRAMA NEEEXTUR.....	63
QUADRO 8 -	AÇÕES POSSÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO FUTURO PELO PROJETO CEMPRES.....	63
QUADRO 9 -	AÇÕES POSSÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO FUTURO PELO PROJETO CEQUAL.....	63
QUADRO 10 -	CRONOGRAMA DE ETAPAS PARA A ESTRUTURAÇÃO DO NEEEXTUR.....	66

QUADRO 11 - ATRIBUIÇÕES E RESPONSABILIDADES DE CADA COLABORADOR.....	68
QUADRO 12 - GASTOS COM RECURSOS FÍSICOS PARA CRIAÇÃO E MANUTENÇÃO DO PROJETO.....	69
QUADRO 13 - GASTOS MENSAIS COM RECURSOS HUMANOS PARA CRIAÇÃO E MANUTENÇÃO DO PROGRAMA NEEEXTUR.....	69
QUADRO 14 - RESULTADOS A SEREM ALCANÇADOS PELO NEEEXTUR A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	71

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - CAMPOS E CONTEÚDOS INTERLIGADOS A FORMAÇÃO SUPERIOR DE TURISMO.....	28
FIGURA 2 - MOTIVAÇÕES DOS RESPONDENTES PARA FAZER ESTÁGIO DURANTE A FORMAÇÃO SUPERIOR.....	49
FIGURA 3 - MOTIVAÇÕES DOS RESPONDENTES PARA FAZER EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DURANTE A FORMAÇÃO SUPERIOR.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS

ABAV	-	Associação Brasileira de Agências de Viagens
ABBTUR	-	Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo
ABEOC	-	Associação Brasileira de Empresas de Eventos
ABIH	-	Associação Brasileira da Indústria de Hotéis
ABRASEL	-	Associação Brasileira de Bares e Restaurantes
AGETUR	-	Núcleo de Estudos Turísticos da UFPR
CAEX	-	Comitê Assessor de Extensão
CEMPRE	-	Centro de Empregabilidade
CEQUAL	-	Centro de Qualificação
CNT	-	Conselho Nacional de Turismo
CTUR	-	Coordenação do Curso de Turismo da UFPR
DCN	-	Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo
DTUR	-	Departamento de Turismo UFPR
E-MEC	-	Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior
EMBRATUR	-	Empresa Brasileira de Turismo
ENADE	-	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ENCOTHUR	-	Encontro Nacional de Coordenadores e Docentes dos Cursos Superiores de Turismo e Hotelaria
FAE	-	Faculdade Bom Jesus

FORPROEX	-	Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras
IES	-	Instituições de Ensino Superior
INEP	-	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	-	Ministério da Educação
MTUR	-	Ministério do Turismo
NEEXTUR	-	Núcleo de Estágio e Extensão do Curso de Turismo da UFPR
OBSTUR	-	Observatório de Turismo do Paraná
OTA	-	Online Travel Agency
PIB	-	Produto Interno Bruto
PROEC	-	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná
SCH	-	Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná
SIGA	-	Sistema de Gestão Acadêmica
UFPR	-	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	PROBLEMA DE PESQUISA.....	15
1.2	OBJETIVOS.....	15
1.2.1	Objetivo Geral.....	15
1.2.2	Objetivos Específicos.....	15
1.3	SEQUÊNCIA LÓGICA DOS CAPÍTULOS.....	15
2	REVISÃO DE LITERATURA	17
2.1	ENSINO SUPERIOR EM TURISMO NO BRASIL.....	17
2.2	MERCADO DE TRABALHO E EMPREGABILIDADE NO TURISMO...	24
2.3	EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E ESTÁGIOS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.....	30
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	38
3.2	TÉCNICAS DE PESQUISA E COLETA DE DADOS.....	38
3.2.1	Instrumentos de Coleta de Dados.....	39
3.2.1.1	Questionários com Docentes do Curso de Turismo da UFPR e com Entidades de Classe do Turismo de Curitiba e Região Metropolitana..	40
3.2.1.2	Questionário com Discentes do Curso de Turismo da UFPR.....	43
3.2.1.3	Pré Teste dos Instrumentos de Coleta de Dados.....	44
3.2.2	Tabulação e Interpretação dos Dados.....	46
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA	47

4.1	QUESTIONÁRIO ONLINE COM ALUNOS DO CURSO DE TURISMO DA UFPR.....	47
4.2	QUESTIONÁRIO COM PROFESSORES DO CURSO DE TURISMO DA UFPR.....	51
4.3	QUESTIONÁRIO COM REPRESENTANTES DAS ENTIDADES DE CLASSE DO TURISMO PRESENTES EM CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA.....	56
5	PROJETO DE TURISMO.....	61
5.1	DESCRIÇÃO DO PROJETO.....	61
5.2	ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO.....	64
5.2.1	Descrição das Etapas para a Execução do Projeto.....	65
5.2.2	Descrição dos Recursos Humanos Envolvidos em Cada Etapa.....	67
5.2.3	Descrição do Orçamento e dos Desembolsos por Etapa.....	68
5.2.4	Avaliação do Retorno do Investimento.....	70
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
	REFERÊNCIAS.....	74
	APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO PARA ASSOCIAÇÕES DE TURISMO DA REGIÃO ESTUDADA.....	80
	APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES DO CURSO DE TURISMO DA UFPR.....	82
	APÊNDICE 3 – APRESENTAÇÃO DO QUESTIONÁRIO “O PAPEL DO ESTÁGIO E DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS BACHARÉIS EM TURISMO”.....	84

**APÊNDICE 4 – QUESTIONÁRIO “O PAPEL DO ESTÁGIO E DA
EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL
DOS BACHARÉIS EM TURISMO”.....**

85

1 INTRODUÇÃO

O turismo é um vetor de desenvolvimento com elevada capacidade de gerar trabalhos, tendo em 2016 criado cerca de 292 milhões de postos, correspondendo a 1 em cada 10 empregos da economia global (WTTC, 2017 apud SILVA; DE HOLANDA; LEAL, 2018). Entretanto, apesar desses números expressivos, o setor ainda é composto, de modo geral, por profissionais de baixa escolaridade e qualificação, procedentes de outros setores econômicos, sem nenhuma formação específica em turismo (SILVA; DE HOLANDA; LEAL, 2018). A escolaridade dos empregados no turismo é inferior à da média da economia brasileira, sendo que apenas 7% dos ocupados formais do turismo no Brasil possuem nível superior, 34% têm nível fundamental, enquanto os demais possuem ensino médio ou nível superior incompleto (COELHO; SAKOWSKI, 2014).

Estudos certificam que desde o surgimento de cursos superiores de turismo no Brasil a partir de 1971, até o ano de 2013 o Brasil já registrava mais de 200 mil profissionais formados, todavia, apenas 58,5% atuavam no setor de turismo efetivamente (ABBTUR, 2013), sendo que a maior parte dos turismólogos no Brasil tinha como atividade profissional principal outra área não relacionada ao turismo (SILVEIRA; MEDAGLIA, 2012). Em pesquisas mais recentes, realizadas em 2019 por Santos e Isayama (2020), averiguou-se que durante esses anos o cenário não obteve grandes transformações e que a ocupação profissional para cerca de 52% dos bacharéis segue sendo outra sem ligação com o turismo. Desta maneira, os números — que podem ainda ter sido potencializados durante a pandemia mundial da COVID-19, considerando os prejuízos causados no setor do turismo —, demonstram um panorama de uma grande quantidade de graduados evadindo do setor após a formação.

Constatando que a maioria destes profissionais egressos de cursos superiores está desempregada ou trabalhando em outra área (MOTA, 2007), pode ser evidente um descompasso entre a formação profissional superior em turismo e sua absorção pelo mercado. Isto pois, por mais que a estrutura teórica das disciplinas dos cursos superiores da área contemple a diversidade de conteúdos necessários ao conhecimento, não há garantia de que a titulação acadêmica

proporciona acesso ao mercado de trabalho e à empregabilidade (TOMAZZONI, 2017). Neste cenário é possível observar obstáculos encontrados na profissionalização do turismólogo, sendo alguns deles a falta de interligação entre teoria e prática e o distanciamento entre os setores acadêmicos e empresariais (MOTA, 2007). A grande problemática desse fenômeno é, segundo Beni (2004), a formação de profissionais possuintes apenas de conhecimento teórico e com grande despreparo para o mercado.

Sendo assim, segundo Correia, Salgado e Da Costa (2017), as Instituições de Ensino Superior - IES têm a responsabilidade de diminuir os *gaps* através de metodologias de ensino-aprendizagem mais ativas, visando a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de competências que facilitem a rápida inserção dos diplomados no mercado de emprego. Neste cenário, as práticas multiprofissionais surgem como um importante elemento no ambiente universitário, tendo em vista que geram um maior envolvimento acadêmico e profissional durante a graduação e colaboram para a consolidação de uma identidade com a profissão, para o comprometimento com o curso e, conseqüentemente, para a continuidade da formação (BARDAGI; HUTZ, 2009).

Tomazzoni (2007) destaca ainda que a atuação profissional em algum segmento do sistema de turismo, proveniente de atividades de extensão e/ou de estágio, possibilitaria maiores oportunidades para o desenvolvimento e enriquecimento de competências aos estudantes. O estágio é fundamental, sobretudo por permitir ao estudante consolidar as aprendizagens das aulas, obter experiência de maturidade pessoal e profissional e de desenvolvimento de habilidades, além de possibilitá-lo um futuro profissional e um plano de carreira (MARTINS, 2019). Ademais, as atividades de extensão também possibilitam ao graduando a correlação entre o aprendizado na universidade e a aplicabilidade de sua profissão na sociedade, a partir da participação em projetos, cursos, eventos, oficinas e prestação de serviço (MANCHUR; SURIANI; CUNHA, 2013).

Dados comprovam ainda que 73,4% dos profissionais que, no momento atual, estão inseridos no mercado de trabalho iniciaram as atividades em sua área de formação durante o período de graduação (SEMESP, 2020 apud UNOESTE, 2021). Isso pode demonstrar que a formação alinhada e continuada é favorável a

ambos os envolvidos, gerando o aumento da capacitação e de projetos de extensão acadêmica, aumento da empregabilidade dos alunos e formandos e a diminuição de problemas setoriais do mercado do turismo como alta rotatividade e baixa qualificação profissional.

Já em 2003, uma pesquisa da Revista ESPM (2003 apud MALSCHITZKY, 2004), indicava que para 46% dos discentes entrevistados, os grandes dificultadores da entrada no mercado são: a falta de experiências profissionais, falta de plano de carreira e a baixa integração da universidade com a realidade empresarial. Também para aqueles respondentes, o estágio era o grande facilitador para o ingresso no mercado de trabalho, pois auxilia sua efetivação em empresas da sua área de estudo. Um exemplo de projeto neste âmbito é o Núcleo de Empregabilidade da Faculdade Bom Jesus - FAE que alcançou, em apenas três anos de existência do projeto, a orientação de 569 alunos sobre planejamento de carreira e satisfação profissional, o cadastro de 1.697 currículos de alunos e de 748 empresas (MALSCHITZKY, 2004). Apenas em 2003 o Núcleo obteve 284 empresas cadastradas, oferecendo um total de 487 vagas de emprego e estágio, das quais, cerca de 207, quase a metade, foram preenchidas exclusivamente por alunos da Faculdade cadastrados no núcleo (MALSCHITZKY, 2004) e que puderam adentrar em sua área de estudo e formação.

Em suma, justifica-se a necessidade de estudo e de desenvolvimento de projetos neste âmbito devido a importância da qualificação de pessoas para o turismo e sua inserção no mercado de trabalho como fatores primordiais para o desenvolvimento estruturado da atividade turística (SILVA; HOLANDA; LEAL, 2018), uma vez que o crescimento do turismo como atividade econômica depende de mão de obra qualificada. Desta forma, para que o turismo se desenvolva com qualidade, é necessária, conseqüentemente, uma formação profissional também de qualidade. Ainda, de acordo com Silva (2003 apud EURICO, 2011), o turismo é uma atividade de utilização intensa de capital humano, por isso, somente o ensino e a formação de mão de obra especializada poderão responder aos desafios do setor.

A importância deste estudo também está apoiada nas novas determinações sobre a creditação da extensão, que estabelecem que estas atividades atualmente devem ocupar 10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação

(BRASIL, 2018). Além disso, considerando a efetividade alcançada pelo Núcleo de Empregabilidade da FAE e o estudo de Martins (2019) que evidencia que a maioria dos estudantes do Curso de Turismo da Universidade Federal do Paraná - UFPR encontram as oportunidades profissionais via empresas de estágio (66%) ou via divulgação feita pela própria coordenação do curso (15%), pode se observar a relevância de projetos de empregabilidade desenvolvidos pelas IES que ofereçam, a partir de vivências com atividades de extensão universitária e estágios, um conjunto de competências visando aumentar a empregabilidade dos estudantes através da educação, da aprendizagem contínua e da experiência profissional ao longo da sua formação.

Posto isto, o presente estudo objetiva propor a criação de um Núcleo de Estágio e Extensão para o Curso de Turismo da UFPR, tendo em vista as dificuldades que os egressos desta área enfrentam ao tentar adentrar no mercado de trabalho. O objetivo é potencializar a empregabilidade de estudantes e egressos do turismo por meio de uma interligação entre a academia e o mercado de trabalho, construída a partir da divulgação de vagas de estágios e empregos efetivos, e de cursos e eventos de extensão. Para isso, o projeto envolve parcerias estratégicas entre os empregadores e a IES, que aproximarão os estudantes do mercado de trabalho, não somente através das oportunidades de estágio e emprego na área, mas também a partir da realização de eventos de extensão ligados à capacitação desses alunos. Com base nessa proposta, espera-se que esses estudantes e futuros bacharéis em turismo tenham a oportunidade de se preparar para o mercado de trabalho a partir de vivências práticas na área, possibilitando maior inserção desses formandos e a diminuição da migração ou evasão para outras áreas.

Assim, para entender o tema de estudo e as possibilidades de propor a criação do Núcleo de Empregabilidade, o presente trabalho pretende traçar algumas considerações acerca da formação superior em turismo, da empregabilidade na área e da relação mercado-academia. Busca-se também discutir neste estudo a importância de uma formação alinhada ao mercado atual e a relevância da extensão universitária e do estágio para atingir tal objetivo.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

O presente trabalho busca compreender o seguinte problema de pesquisa: De que maneira a empregabilidade dos estudantes e egressos de turismo pode ser trabalhada a partir da extensão universitária e dos estágios?

1.2 OBJETIVOS

Para compreender o problema de pesquisa apresentado e alcançar os resultados pretendidos, estabeleceu-se um objetivo geral e três objetivos específicos, conforme listados abaixo.

1.2.1 Objetivo Geral

Propor a criação de um Núcleo de Estágio e Extensão para o Curso de Turismo da Universidade Federal do Paraná - UFPR.

1.2.2 Objetivos Específicos

- 1) Descrever o desenvolvimento dos cursos superiores em turismo no Brasil de 1970 a 2020;
- 2) Compreender a empregabilidade do mercado de trabalho de turismo e suas problemáticas;
- 3) Entender o papel da extensão universitária e dos estágios na formação profissional dos bacharéis em turismo.

1.3 SEQUÊNCIA LÓGICA DOS CAPÍTULOS

Com o intuito de organizar uniformemente este estudo, tanto para esclarecer as metas e objetivos e traçar um caminho metodológico a ser seguido, quanto no âmbito de estruturação, este trabalho está dividido inicialmente em seis partes.

O presente capítulo, caracterizado como o primeiro, formula a problematização apresentada nesta introdução a partir da abordagem do problema

de pesquisa, da justificativa, e dos objetivos, tanto geral quanto específicos. O segundo capítulo é composto pela revisão de literatura, realizada por meio de pesquisa bibliográfica e documental, com base em três eixos principais de discussão: formação superior em turismo no Brasil, mercado de trabalho e empregabilidade no turismo, e a extensão universitária e os estágios na formação profissional.

O terceiro capítulo trata dos procedimentos metodológicos necessários para desenvolvimento da pesquisa, contempla a descrição do tipo de pesquisa, as técnicas e os instrumentos de coleta de dados utilizados para investigar o objetivo geral e os objetivos específicos propostos. Além disso, este capítulo também aborda o pré teste dos instrumentos e a tabulação e análise dos dados estudados para a elaboração da proposta de projeto.

No quarto capítulo se analisa propriamente os dados obtidos a partir dos instrumentos de coleta, e no quinto se apresenta o projeto de planejamento e gestão em turismo: o Núcleo de Estágio e Extensão do Curso de Turismo da UFPR - NEEXTUR. Neste mesmo capítulo ainda são apresentadas as etapas para elaboração do projeto, além de todos os gastos e desembolsos necessários.

Por fim, no sexto e último capítulo tem-se as considerações finais deste trabalho, seguido pelas referências e apêndices. Dessa forma, espera-se compreender de que maneira a empregabilidade dos egressos de turismo pode ser trabalhada a partir da extensão universitária e dos estágios e propor a criação do NEEXTUR.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para que se analise de maneira mais profunda a temática do papel do estágio e da extensão universitária para a empregabilidade de estudantes e egressos de turismo, alguns entendimentos relacionados à mesma foram elencados, sendo estes: o ensino superior em turismo no Brasil, o mercado de trabalho e a empregabilidade no turismo, e por fim, a extensão universitária e o estágio na formação profissional. Para isso, a revisão de literatura foi feita com base, majoritariamente, nos autores e obras apresentadas no Quadro 1.

QUADRO 1 - AUTORES E TÓPICOS A SEREM TRATADOS NA REVISÃO DE LITERATURA

TÓPICOS	AUTORES
Formação Superior em Turismo no Brasil	ANSARAH (2002), MOTA (2007), ROCHA; NOVAES (2007), EURICO (2011), SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA (2012), EURICO; SILVA; VALLE (2013), ARANHA; ROCHA (2014), ALBUQUERQUE; QUILLICI NETO (2014).
Mercado de Trabalho e Empregabilidade no Turismo	BENI (2006), SILVEIRA; MEDAGLIA (2012), SILVEIRA; MEDAGLIA, NAKATANI (2020), SILVA; DE HOLANDA; LEAL (2018), NAKATANI; VALLE; MEDAGLIA (2019), PIMENTEL; DE PAULA (2014) e ROCHA; NOVAES (2007).
Extensão Universitária e Estágios na Formação Profissional	BARDAGI, HUTZ (2009), CANON, PELEGRINELLI (2019), CORREIA; SALGADO; DA COSTA (2017), TOMAZONI (2017), MALERBA; LANDI; REJOWSKI (2011), MALERBA; REJOWSKI (2002), MALSCHITZKY (2004).

FONTE: A autora (2021).

Os temas trabalhados na revisão de literatura possibilitaram também o alcance dos três objetivos específicos elencados: 1) Descrever o desenvolvimento dos cursos superiores em turismo no Brasil de 1970 a 2020; 2) Compreender a empregabilidade do mercado de trabalho de turismo e suas problemáticas; e 3) Entender o papel da extensão universitária e dos estágios na formação profissional dos bacharéis em turismo.

2.1 ENSINO SUPERIOR EM TURISMO NO BRASIL

O desenvolvimento dos estudos turísticos possui um forte paralelismo com a

evolução do turismo e seu crescente reconhecimento como atividade econômica global. Desde o período pós Segunda Guerra Mundial, a partir de 1945, ocorre uma grande evolução da aviação e o surgimento das tecnologias da informação que impactaram diretamente no desenvolvimento do turismo (LICKORISH; LENKINS, 2000; REJOWSKI, 2002; CISNE; GASTAL, 2010). As significativas transformações, de 1950 a 1973 com o advento do turismo massivo, levaram a constatação do turismo como potencial gerador de renda e de empregos e legitimaram, em nível internacional, a criação de instituições e cursos de formação profissional na área a partir da década de 1960 (ROCHA; NOVAES, 2007).

No Brasil, foi o crescimento do turismo no mundo e as perspectivas de uma atividade econômica promissora que estimularam a criação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR)¹, instituída pelo Decreto-Lei n.º55/66 de 18 de novembro de 1966 e, em conjunto, do Conselho Nacional de Turismo (CNT)², para que se pudesse começar a discutir e traçar as diretrizes para atender às necessidades urgentes do setor (TRENTIN; FRATUCCI, 2011). Segundo Muller et al. (2011), de 1968 a 1973, apesar de viver os piores anos da ditadura militar — caracterizados por repressão, censura e violência —, o país viveu o “milagre econômico brasileiro”, marcado pelo crescimento acelerado da economia e pela atração de muitos investimentos, tanto nacionais quanto estrangeiros, baseados nas perspectivas otimistas em relação à economia e aos negócios, entre eles os investimentos em serviços turísticos. Nessa época também houve melhorias nos equipamentos e no sistema de transportes; ampliação dos sistemas de comunicação; urbanização e crescimento das cidades e crescimento de uma classe média propensa a viajar (MÜLLER, et al., 2011). Esses fatores parecem ter estimulado o início da organização da atividade turística nos setores público e privado. Então, na década de 1970, devido ao crescimento da atividade no Brasil, o turismo passou a ser visto como uma ‘indústria’ promissora para o desenvolvimento do país (BARRETTO et al.,

¹ Atual Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo, a EMBRATUR é um serviço social autônomo que tem como objetivo o planejamento, a formulação e a implementação das ações de promoção comercial de produtos, serviços e destinos turísticos brasileiros no exterior, em cooperação com a administração pública federal. Disponível em: <https://bit.ly/2VikBpS>. Acesso em: 22 jun. 2021.

² O CNT é um órgão colegiado com a atribuição de assessorar o Ministro de Estado do Turismo na formulação e na aplicação da Política Nacional de Turismo e dos planos, programas, projetos e atividades dela derivados. Disponível em: <https://bit.ly/3xoMxFw>. Acesso em: 22 jun. 2021.

2004) vez que estava gerando uma série de impactos de ordem social, econômica e, sobretudo, estrutural. Esse cenário de transformações foi indicativo de que o turismo necessitava de uma maior atenção — principalmente técnica.

Desta forma, o interesse por estudar sobre turismo e a necessidade de aprimoramento da formação de recursos humanos com mão de obra especializada para o mercado de turismo, provocaram a oferta de diferentes programas e níveis de formação. Em 1971, o turismo foi oficializado na academia no Brasil, quando instituiu-se por meio do parecer nº 35/71 do Ministério da Educação - MEC o primeiro curso de Habilitação Única em Turismo, na Faculdade do Morumbi em São Paulo — atual Universidade Anhembi Morumbi (MOTA, 2007). Inicialmente foi estabelecido o currículo mínimo para os cursos superiores de turismo, propondo um curso de Planejamento e Organização de Turismo que formaria planejadores de turismo (ALBUQUERQUE, QUILLICI NETO, 2014) para suprir as necessidades do mercado. Isto pois, o Governo Militar estava orientado pela política oficial que priorizava um sistema educacional estimulado para a área tecnológica, e não estava interessado na abertura de cursos que promovessem a reflexão crítica e a mudança. Assim, os cursos que formassem profissionais aprimorando a mão de obra, como os de turismo, num vínculo entre universidade e empresas não contrariavam o que o Estado desejava (CELESTE FILHO, 2012; TOMAZZONI, 2007; SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012).

Ainda durante o regime militar, quando os primeiros cursos foram instalados no país, houve um crescimento inicial da oferta, principalmente nas instituições privadas (MOTA, 2007), tendo já em 1973 outras instituições de ensino superior na área de turismo, com destaque para a Faculdade de Turismo da Guanabara no Rio de Janeiro, a Faculdade Ibero Americana e a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ROCHA; NOVAES, 2007). Entretanto, até 1976 os cursos de turismo e os cursos de hotelaria não ultrapassaram o número de dez cursos em todo o país (ANSARAH, 2002). Devido mais uma das crises na conjuntura econômico-política nacional que provocava desemprego, reduzido poder aquisitivo das classes médias e baixas, além da dificuldade do Regime Militar em desenvolver o turismo como um todo, houve um decréscimo no número de pessoas que buscavam o curso de turismo (MATIAS, 2002). Desta forma, segundo Ansarah

(2002) e Mota (2007), finaliza-se a primeira fase do histórico dos cursos superiores de turismo no Brasil e inicia-se uma segunda fase.

A década de 1980 foi marcada pelo crescimento moderado de cursos com um pensamento mais consciente relacionados ao meio ambiente e à qualidade de vida — apesar do predomínio do pensamento funcionalista vigente na época — e também por uma certa estagnação da oferta devido aos problemas econômicos do país (PIMENTEL; DE PAULA, 2014). Nesta época, segundo pesquisas realizadas por Trigo e Rejowski, existiam 28 cursos de Turismo e/ou Hotelaria no país (apud MATIAS, 2002). Porém, de acordo com Pimentel e De Paula (2014), fatores como a abertura econômica do país na década de 1990, a estabilização financeira e a retomada de investimentos estrangeiros, causaram uma expansão em larga escala da oferta de cursos superiores no país. Dentre os cursos superiores que estavam sendo ofertados no país, sobretudo se popularizaram os cursos de turismo, visto que havia um apelo a esta atividade em âmbito mundial a partir da ideia de que o Brasil teria uma ‘vocação’ natural a ser explorada com pouco investimento, além da expectativa de geração de emprego e renda advindas da atividade (PIMENTEL; DE PAULA, 2014). Para Ansarah (2002) e Mota (2007), a partir desse novo contexto inicia-se a 3ª fase do desenvolvimento dos cursos de turismo no Brasil.

A expansão do ensino superior em turismo também pode estar “relacionada à consolidação do processo de globalização econômica e cultural que promoveu a ampliação das viagens em todo o mundo e influenciou diretamente a valorização do ensino superior em Turismo no país na década de 1990” (FONSECA, 2005, p.128-129). Nesta época houve o aumento no número de turistas estrangeiros no Brasil: 17 milhões na década, mantendo-se sempre acima de um milhão de visitantes por ano — sendo que apenas em 1999 o país recebeu cerca de 5 milhões destes (BRASIL, 2016 apud NAKATANI, 2020). Além disso, neste período, mais precisamente em 2003, é criado o Ministério do Turismo (MTur), objetivando tratar do desenvolvimento do turismo como atividade econômica sustentável, com papel na geração de empregos e investimentos (BRASIL, [201?]). Conseqüentemente, o crescimento de cursos de turismo foi tão abrupto que, observou-se um incremento de 726,8% no número destes entre 1994 e 2002 (ANSARAH, 2002). Ainda segundo o MEC (SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012), em 2002 os cursos de Turismo

e/ou Hotelaria já totalizavam 429 e em 2005, de acordo com a Revista Você S.A., já havia 836, distribuídas em cerca de 570 instituições de ensino superior e formando aproximadamente 22.800 novos profissionais no país (ROCHA; NOVAES, 2007).

Esse período de crescimento exponencial da oferta de vagas de cursos superiores em turismo nas universidades privadas e, mais tardiamente nas universidades públicas do país, reconhecida por Pimentel e De Paula (2014) como o “boom” dos cursos de turismo gerou inúmeras consequências na área. Algumas destas inferências foram: 1) qualidade geral dos cursos decaiu devido a projetos pedagógicos deficientes, corpo docente pouco qualificado e falta de laboratórios para as atividades práticas; 2) a falta de profissionais preparados para o mercado que resultou na diminuição do nível de confiabilidade e credibilidade que as empresas contratantes teriam nos turismólogos e hoteleiros e na própria academia; e 3) a saturação na oferta de mão de obra, que fez uma profissão que era praticamente desconhecida tornar-se massificada (MOTA, 2007; LARA, 2010; SILVEIRA; MEDAGLIA; GÂNDARA, 2012). Sendo assim, o crescimento quantitativo dos cursos de graduação em turismo no Brasil não foi acompanhado de uma evolução qualitativa e isto refletiu na crise posterior, marcada pela retração de cerca de 40% a 60% da oferta e pela demanda destes cursos em praticamente todo o território nacional (BENI, 2006) — caracterizada como sendo a 4ª e última fase do desenvolvimento dos cursos superiores de turismo a nível nacional abordada por Ansarah (2002) e Mota (2007) (QUADRO 2).

QUADRO 2 - FASES DE DESENVOLVIMENTO DOS CURSOS SUPERIORES EM TURISMO NO BRASIL DE 1970 A DÉCADA DE 2000

FASES	ANSARAH (2002)	MOTA (2007)
1ª FASE Década de 1970	Surgimento dos primeiros cursos.	Instalação dos primeiros cursos de turismo no país durante o regime militar e crescimento inicial da oferta, principalmente de instituições privadas.
2ª FASE Década de 1980	Estagnação dos cursos ligada aos problemas econômicos do país.	Crescimento moderado e uma certa estagnação da oferta de cursos, ao lado da preocupação inicial por um turismo mais brando e consciente.
3ª FASE Década de 1990	Valorização e expansão dos cursos (numérica e geográfica).	Acelerada expansão da oferta de cursos superiores em turismo, das capitais para o interior de praticamente todas as unidades da federação.
4ª FASE Década de 2000	Equilíbrio entre qualidade e quantidade.	Redução da procura e a consequente diminuição da oferta de cursos superiores, ao lado da diversificação de novas ofertas de formação em áreas afins.

FONTE: A autora (2021).

Conseqüentemente, devido a todo o cenário enfrentado, ainda na década de 2000 surgem discussões sobre a formação superior em turismo no Brasil para abordar e delinear metas e políticas de ensino, pesquisa e extensão, e discutir as novas diretrizes e grades curriculares, projetos pedagógicos, estágios supervisionados, e as exigências do mercado. Essa situação foi debatida no I Encontro Nacional de Coordenadores e Docentes dos Cursos Superiores de Turismo e Hotelaria (ENCOTHUR)³, promovido pela Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo (ABBTUR) em 2003 (MOTA, 2007). Uma década depois, essas discussões ainda permanecem no âmbito acadêmico e de pesquisa em turismo.

Aranha e Rocha (2014), por exemplo, argumentam que a redução dos cursos superiores de turismo foi o resultado de uma disparidade entre o mercado e o ensino, tendo em vista que não houve absorção dos profissionais na área e os baixos salários desmotivaram os vestibulandos a ingressarem nesse ramo. Já Pimentel e De Paula (2014) consideram que a redução esteja relacionada à existência de diferentes expectativas por parte dos atores envolvidos no processo: sejam eles os alunos, que demandam um curso de qualificação; as instituições de ensino, que são responsáveis pela oferta de cursos e formação dos currículos; e o mercado de trabalho, que demanda profissionais qualificados para solucionar problemas técnicos em situações reais. Enquanto os formadores estavam mais voltados à construção acadêmica e humanística dos graduandos, os contratantes tinham, e ainda tem, foco em profissionais com habilidades adquiridas de forma adequada durante sua formação (SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI, 2020).

Atualmente, pode-se caracterizar a 5ª fase do desenvolvimento dos cursos superiores de turismo no Brasil (iniciada a partir de 2010), destacada a partir de dados da oferta de cursos de turismo. De acordo com consulta no Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior - e-MEC⁴ existem 441 cursos em faculdades públicas e privadas autorizadas a oferecer ensino superior em Turismo

³ O evento também considerou duas principais vertentes do ensino de turismo no Brasil: um enfoque mais dirigido ao mercado, liderado pelas instituições privadas; e outro mais filosófico e epistemológico, voltado à pesquisa e ao planejamento turístico, no âmbito das instituições públicas de ensino (SILVEIRA, MEDAGLIA, GÂNDARA, 2012).

⁴ O e-MEC é um sistema eletrônico de acompanhamento dos processos que regulam a educação superior no Brasil, responsável pela análise dos pedidos de credenciamento e reconhecimentos de IES e pela autorização, renovação e reconhecimento de cursos. Disponível em: <https://bit.ly/2Vlj7v9>. Acesso em: 22 jun. 2021.

no Brasil (bacharelado ou tecnólogo), tanto na modalidade presencial quanto a distância. Entretanto, destes cursos, apenas cerca de 220 estão realmente em atividade, englobando cursos nomeados: Turismo; Turismo e Negócios; Turismo e Lazer; Turismo e Hotelaria; Turismo de Eventos; Gestão de Empreendimentos Turísticos e em Eventos e Negócios; Gestão de Negócios em Hotelaria e Turismo; Gestão de Turismo; Hotelaria e Gestão de Empresas em Turismo; Turismo Ecológico; Turismo e Indústria de Entretenimento; e Turismo Patrimonial e Socioambiental. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), a partir de dados obtidos no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE)⁵ 2018 que traçam um cenário nacional, esses cursos estão predominantemente nas Instituições Privadas de ensino (52,5%) e a região Sudeste concentra 41,4% do total no Brasil. As regiões Nordeste e Sul possuem 21,2% de cursos de turismo cada uma, já a região Centro-Oeste 10,1%, e a região de menor representação nacional quanto a oferta de cursos superiores de turismo foi a Norte, com 6,1% (BRASIL, 2018). Em relação à modalidade de ensino, constata-se que a quase totalidade dos cursos oferece educação presencial (98%), em comparação a 2% na modalidade de ensino a distância (BRASIL, 2018). Esses dados demonstram que houve um declínio de aproximadamente 73,68% da oferta de cursos superiores em turismo no Brasil, se comparado aos anos 2005, principalmente no âmbito privado, tendo em vista que as instituições públicas cresceram no cenário, apesar de ainda não serem as dominantes.

Em suma, certamente houve uma grande demanda pelos cursos de turismo, principalmente na década de 2000. No entanto, fica evidente que ao longo dos anos essa procura diminuiu significativamente e, conseqüentemente, o número de alunos concluintes também — possivelmente pela falta de reconhecimento do turismólogo por parte do mercado e sua pouca inserção no meio, além dos baixos salários oferecidos a este profissional (ANSARAH, 2002; MATIAS, 2002; MOTA, 2007; SILVEIRA, MEDAGLIA, GÂNDARA, 2012; NAKATANI, VALLE, MEDAGLIA, 2019).

⁵ O ENADE avalia o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional, e o nível de atualização dos estudantes com relação à realidade brasileira e mundial. Disponível em: <https://bit.ly/3yn4oOJ>. Acesso em: 22 jun. 2021.

Ainda hoje o Ensino Superior em Turismo apresenta preocupações ligadas às relações que se estabelecem entre o contexto educativo e o mercado de emprego (EURICO; SILVA; VALLE, 2013), vez que estudos evidenciam que a formação desse profissional não está adequada às necessidades do mercado turístico (ANSARAH, 2002; TOMAZZONI, 2007; PIMENTEL; DE PAULA, 2014; KONG, 2015) e, ainda há dificuldades para a inserção dos egressos desses cursos no mercado de trabalho.

2.2 MERCADO DE TRABALHO E EMPREGABILIDADE NO TURISMO

O turismo alcançou o reconhecimento de sua importância, em termos econômicos e sociais, devido sua repercussão na balança de pagamentos, geração de postos de trabalho, distribuição de renda, elevação das condições de vida das comunidades receptoras e seu efeito multiplicador (SILVA; DE HOLANDA; LEAL, 2018). Um dos enfoques dessa abordagem é justamente a sua potencialidade de geração de empregos e renda e sua amplitude e diversidade de possibilidades de atuação profissional para o bacharel da área. Apenas em 2018 o turismo injetou US\$8,8 bilhões na economia global e gerou 319 milhões de postos de trabalho, correspondendo a 1 em cada 5 novos empregos mundiais (WTTC, 2017 apud PANROTAS, 2019). No Brasil, Segundo o Ministério do Turismo - MTUR (2019 apud AGÊNCIA BRASIL, 2019), também no ano de 2018, o setor representava 8,1% do Produto Interno Bruto (PIB), somando cerca de 153 bilhões de dólares e empregando 6,9 milhões de pessoas nacionalmente.

O mercado turístico é composto por um agregado de organizações e áreas de atuação como agências de viagem e operadoras turísticas, empreendimentos relacionados a alimentos e bebidas, instituições de lazer e recreação, organização de eventos, meios de hospedagem, meios de transporte, consultoria empresarial e para destinos, planejamento turístico, docência, pesquisa, criação e implementação de políticas públicas em órgãos oficiais de turismo, etc (SILVA; DE HOLANDA, LEAL, 2018; SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI, 2020). Desta forma, é possível participar tanto da elaboração, organização e comercialização dos produtos turísticos, quanto da venda e da prestação de serviços.

Com esse mercado de trabalho tão amplo não deveria haver obstáculos na

absorção plena dos graduados em turismo pelas empresas do setor (RUSCHMANN, 2002). Contudo, essas atividades profissionais se colocam numa intersecção de vários campos de formação, não sendo atividades profissionais específicas apenas dos turismólogos, ou seja, não exigem uma formação específica na área e nem restringem a prática profissional daqueles que não a detém (PIMENTEL; DE PAULA, 2014). Sendo assim, a suscetibilidade a fatores sociodemográficos aos quais o turismo está submetido, em razão da diversidade de segmentos que a compõem, torna a empregabilidade em turismo mais complexa do que em outros setores.

A empregabilidade é definida por Hillage e Pollard (1998 apud EURICO; SILVA; VALLE, 2013) como a capacidade de conseguir emprego inicial, mantê-lo e arranjar novo emprego se necessário. Desta maneira, o termo reporta para a capacidade de um indivíduo de responder às necessidades do mercado de trabalho de forma auto-suficiente, disponibilizando o seu potencial e promovendo um emprego sustentável. Em consonância a este conceito Eurico, Silva e Valle (2013, p. 31) acreditam que a “(...) empregabilidade baseia-se na capacidade de adequação do profissional às recentes necessidades e dinâmicas dos novos mercados de trabalho que vêm afetando o ambiente das organizações”. Exemplo dessas novas necessidades e dinâmicas tem sido o advento das novas tecnologias, a globalização da produção, a abertura das economias, a internacionalização do capital e as mudanças nos cenários globais. Para Nakatani, Valle e Medaglia (2019, p. 2), a empregabilidade está relacionada a estudos sobre as possibilidades de tornar-se apto para inserir-se no mercado de trabalho ou suceder na carreira, podendo ser pensada a partir do olhar do empregado e do empregador.

A visão do empregado agrega os discursos da academia – aquela que a priori tem na base a função de desenvolver habilidades e competências –, mas também uma análise de cursos e currículos e de estudantes e estagiários; já a visão do empregador contempla as necessidades do mercado de trabalho, que por sua vez, reflete os desafios da sociedade.

Neste sentido, para os alunos a empregabilidade representa o conhecimento, as habilidades e os atributos que devem ser demonstrados por estes, e que, como tal, deve aumentar suas chances de tornar-se empregável (CLARKE, 2018), além de transformar-se até mesmo em um meio para encontrar um emprego (TYMON, 2013). Portanto, cabe à academia fornecer um modelo de educação que

tenha como objetivo a acumulação de conhecimentos teóricos e funcionais para potencializar a empregabilidade dos egressos, uma vez que um ensino superior de qualidade deve ainda possuir atributos característicos de empregabilidade, que corresponderão a bons empregos no mercado de trabalho (KNIGHT, 2001; EURICO, 2011). Entretanto, gradualmente evidencia-se um afastamento ainda maior entre empregabilidade e a indústria do turismo (TOMAZZONI, 2007; MOTA, 2007; SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI, 2020), que, apesar da crescente demanda e do incentivo aos programas de formação profissional para a atividade turística, ainda demonstram dificuldades dos bacharéis em inserir-se no mercado de trabalho.

O descompasso entre a formação profissional superior em turismo e o mercado, em específico a baixa absorção pelo mercado de egressos deste curso, resultou em uma significativa taxa de profissionais desempregados ou evadidos para outras áreas de atuação (MOTA, 2007; HOERNER; SICART, 2003 apud PIMENTEL; DE PAULA, 2014). Em uma pesquisa sobre a atuação profissional dos egressos do curso de turismo em uma Instituição de Ensino Superior (IES) de Belo Horizonte, Machado (2006) identificou que apenas 36,6% destes bacharéis atuavam na área, e dentre aqueles que não atuavam (63,4%), 31,5% estavam desempregados.

Após cinco décadas de oferta de graduação em turismo no Brasil, estimava-se que foram formados mais de 200 mil turismólogos no país, dos quais apenas 58,5% atuavam no campo do turismo, 14,3% trabalhavam em outra área, 11,4% estava desempregada e 5,7% mudou de área (ABBTUR, 2013; PIMENTEL, DE PAULA, 2014). O estudo de Silveira, Medaglia e Nakatani (2020) realizado em 2018 com cerca de 1341 egressos de cursos de turismo de todo o Brasil, indica que houve um crescimento no número de turismólogos que participavam especificamente do mercado de trabalho em turismo (71,8%) em comparação aos dados da mesma pesquisa aplicada em 2012; e cerca de 26,6% estava atuando em outra área ou desempregado. Destes formados, a maior parte ocupava cargos operacionais/linha de frente (42%), de supervisão/ chefia intermediária (14%) e de gerência/chefia (13%), alcançando, em alguns casos a faixa de renda mensal de mais de R\$14.161,00. Contudo, essas remunerações sofrem variações de uma atividade para outra, e em sua maioria (58%) os egressos ganhavam de R\$708,00 — menos de um salário mínimo —, até R\$ 4.248,00. Apesar da discreta melhoria que o

mercado de trabalho em turismo estava apresentando em relação à inserção profissional dos egressos (SILVEIRA; MEDAGLIA, NAKATANI, 2020), A pesquisa de 2019 realizada por Santos e Isayama (2020), constatou que 52,1% dos formados em turismo não estão atuando na área de estudo, sendo que destes respondentes, 31,3% não estavam exercendo a profissão devido a renda salarial, e 28,4% preferiu investir em uma nova carreira profissional ⁶.

Esses dados consideram que diversos fatores ainda dificultam a inclusão dos egressos no mercado de trabalho do turismo, sendo: a baixa remuneração, a contratação de profissionais sem formação específica na área, a pequena perspectiva de planos de carreira e de ascensão profissional, a não regulamentação da profissão que dificulta o reconhecimento do profissional pela sociedade, as condições desfavoráveis de trabalho (por exemplo a jornada de trabalho em meios de hospedagens e estabelecimento de alimentos e bebidas), o desequilíbrio entre oferta e demanda de mão de obra qualificada, a saturação do mercado, as IES descoladas da realidade prática do setor e do que as empresas precisam, a formação profissional desalinhada das necessidades das empresas turísticas, entre outros fatores (RUSCHMANN, 2002; BARRETTO et al., 2004; MOTA, 2007; SOGAYAR, REJOWSKI, 2011; SILVEIRA, MEDAGLIA, GÂNDARA, 2012).

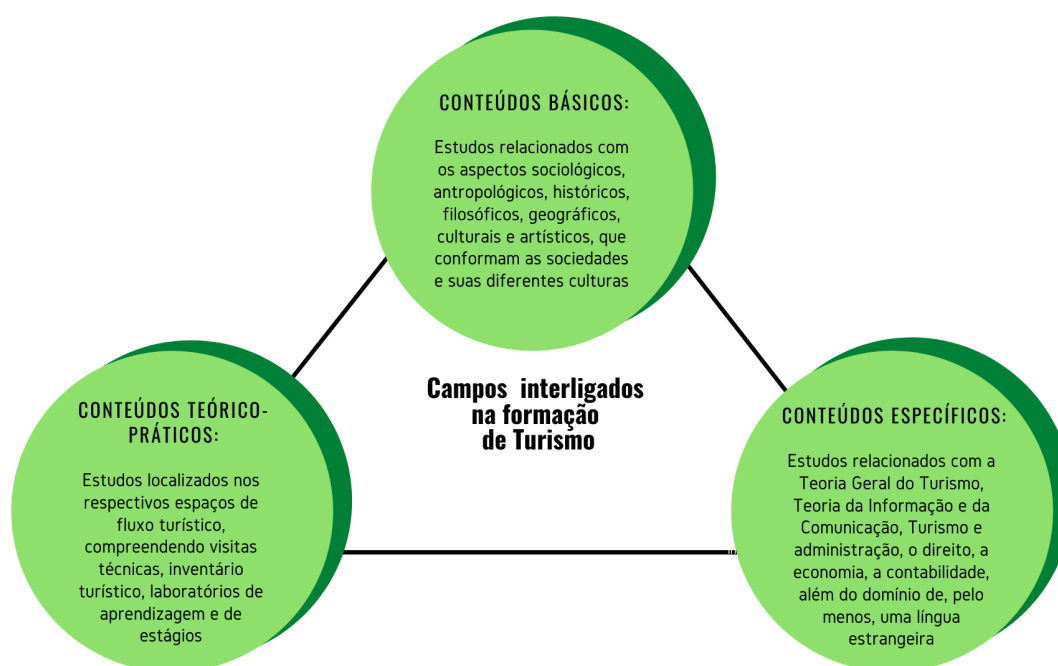
O resultado dessas problemáticas no cenário de empregabilidade turística é que, como uma atividade de utilização intensa de capital humano, o turismo é caracterizado pela falta de profissionais qualificados para atuação. Apenas 7% dos ocupados formais do turismo no Brasil possuem nível superior, 34% têm nível fundamental, e os demais possuem ensino médio ou nível superior incompleto, dados que posicionam a atividade abaixo da média da economia brasileira no quesito nível de escolaridade (COELHO; SAKOWSKI, 2014). Conseqüentemente, isso provoca a baixa qualificação do setor, a instabilidade no emprego, os elevados níveis de subcontratação e terceirização, uma alta taxa de rotatividade (COELHO; SAKOWSKI, 2014) e um decrescente interesse de formação na área.

⁶ Ressalta-se que esses estudos são de antes da pandemia da COVID-19, que causou o fechamento de 50 mil empreendimentos relacionados à atividade turística no Brasil (EXAME, 2020), o prejuízo de R\$ 290 bi em receita anual e perda de 397 mil postos formais de trabalho direto de brasileiros apenas em 2020 (PANROTAS, 2021). Assim, é provável que a evasão de egressos de cursos de turismo atuando na área de turismo tenha sido alavancada novamente.

Essa condição de baixa qualificação dificulta o pleno desenvolvimento do setor e só poderá ser resolvida superando o problema do déficit educacional, uma vez que o imperativo da competitividade em escala internacional obriga que se redefinam estratégias para o setor visando a qualidade total, tornando-se para tal necessário sensibilizar as IES a adequar os seus cursos ao mercado de trabalho e os empresários para a necessidade de recrutar diplomados (TOMAZZONI, 2007; EURICO, 2011). Além disso, a formação e a gestão de recursos humanos são elementos chave da competitividade para as organizações do setor turístico. Conseqüentemente, existe uma pressão para que a formação prime pela excelência do conhecimento e por um adequado ajustamento às necessidades reais do mercado, cabendo em grande parte esta responsabilidade às IES (EURICO, 2011).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo (DCN), aprovadas pelo Ministério da Educação em 24 de novembro de 2006, os cursos de graduação na área devem formar um profissional competente para atuar no mercado turístico (BRASIL, 2006). Para atingir os objetivos propostos, as diretrizes definem três tipos de conteúdos necessários: Conteúdos Básicos, Específicos e Teórico-Práticos (FIGURA 1).

FIGURA 1 - CAMPOS E CONTEÚDOS INTERLIGADOS A FORMAÇÃO SUPERIOR DE TURISMO



FONTE: Adaptado de Brasil (2006).

Segundo Nakatani (2020), a absorção (ou não) dos profissionais de turismo pelo mercado de trabalho diz respeito às competências ou habilidades do trabalhador — tanto *Soft Skills*⁷, quanto *Hard Skills*⁸. Neste sentido, as Diretrizes Curriculares enumeram uma série de aptidões que o curso de turismo deve possibilitar ao profissional como domínio de diferentes idiomas, comunicação interpessoal, habilidade no manejo com a informática e com outros recursos tecnológicos, etc (BRASIL, 2006). Em conformidade a essas competências elencadas pelas DCN, os empregadores elegem a capacidade de comunicação e de gestão da informação, a prática de tecnologia de análise e *softwares*, o conhecimento de idiomas, a análise de fluxos turísticos, o conhecimento do planejamento turístico, e outras habilidades pessoais, instrumentais e sistêmicas como os saberes, habilidades e atitudes requeridas pelo mercado turístico (PIMENTEL, DE PAULA, 2014; RODRÍGUEZ-ANTÓN, 2013 et al. apud NAKATANI, 2020). A ideia é que essas habilidades, que podem ser adquiridas durante a formação, tornem os egressos mais empregáveis. No entanto, os contratantes acreditam que os graduados em turismo e/ou hotelaria não são bem preparados e que lhes faltam essas qualidades (KONG, 2015).

O motivo disso, para Ansarah (2002), é que a proposta pedagógica da maioria dos cursos de graduação em turismo parece inadequada, porque priorizaram apenas os aspectos teórico-conceituais e subvalorizam os aspectos práticos requeridos pela profissão, formando profissionais que não irão atender às reais necessidades de mercado. Isto pois, enquanto a academia se preocupa em formar egressos conscientes de seu papel como cidadãos e detentores de conhecimentos teóricos profundos sobre temas estruturais, o mercado preocupa-se em munir-se de mão de obra especializada e atualizada (SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI, 2020). Desta forma, há uma expectativa de que a academia desenvolva em seus currículos competências para um futuro profissional competitivo no mercado de trabalho de turismo (JOHANSON, 2006 apud NAKATANI; VALLE;

⁷ *Soft Skills* são, segundo Martins (2017), atitudes e habilidades comportamentais inatas ou aperfeiçoadas por cada pessoa, e não ensinadas na escola. A boa comunicação, paciência, espírito de equipe, capacidade analítica, etc são exemplos de *soft skills*.

⁸ Também de acordo com Martins (2017), *Hard Skills* são competências técnicas ensinadas na escola e que podem ser adquiridas por meio de treinamento e estudo, por exemplo: proficiência em língua estrangeira, formação específica, habilidades com programas de *softwares*, etc.

MEDAGLIA, 2020), tendo em vista seu papel na capacitação e qualificação ocupacional.

Fruto disso, não apenas devido uma preocupação crescente com o (des)emprego dos formados, como também da generalização dos processos de avaliação da qualidade do ensino superior, a inserção dos egressos de turismo no mercado de trabalho tem sido amplamente debatida, principalmente a nível acadêmico. Estudiosos acreditam que as IES têm a responsabilidade de diminuir os gaps através de metodologias de ensino-aprendizagem mais ativas, visando a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de competências que facilitem a rápida inserção dos diplomados no mercado de emprego (CORREIA; SALGADO; DA COSTA, 2017).

Esta responsabilidade bilateral poderia ser desenvolvida a partir de parcerias estratégicas entre as IES e o mercado de trabalho, pois permitiriam que as instituições oferecessem uma formação alinhada à atual demanda e aumentassem a conexão do aluno com o mercado, fornecendo-lhe habilidades que seriam capazes de fortalecerem sua empregabilidade e possibilitar-lhe um planejamento de carreira no turismo. Neste contexto, as IES têm apostado cada vez mais na conceptualização e implementação de mecanismos facilitadores da obtenção do primeiro emprego pelos seus diplomados (ALVES, 2010), demonstrados como sendo adquiridos principalmente a partir de atividades complementares realizadas extra-classe de âmbito prático, como o estágio e a extensão universitária.

2.3 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E ESTÁGIOS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

O mundo do trabalho tem apresentado diversas exigências para que os profissionais possam atuar em Turismo, principalmente no tocante ao desenvolvimento de competências inovadoras durante sua formação (SARAIVA; PUGEN; CHAVES, 2019). Prover estruturas curriculares e métodos de aprendizagem que possam responder às rápidas transformações da sociedade globalizada em que está inserido o turismo transformou-se em um grande desafio para as IES.

Apesar do aparente descompasso entre os agentes envolvidos na formação

e na profissionalização dos bacharéis em turismo — aspecto já evidenciado anteriormente —, o surgimento de práticas multiprofissionais define-se como um importante elemento no ambiente universitário. Essas práticas geram um maior envolvimento acadêmico e profissional durante a graduação e colaboram para a consolidação de uma identidade com a profissão, para o comprometimento com o curso e, conseqüentemente, para a continuidade da formação (BARDAGI; HUTZ, 2009). Desta maneira, neste cenário, entende-se que a empregabilidade, em seu sentido mais amplo, pode estabelecer conexões mais próximas entre educação e trabalho, uma vez que a exigência de conhecimentos para além da formação é desenvolvida na prática (SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI, 2020).

O mercado em um mundo globalizado além de exigir competências técnicas, requer pessoas com experiências técnicas — dimensão que não pode ser dissociada do bloco de competências na formação do cidadão que se prepara para o mercado de trabalho (BRASIL, 2016, p. 131 apud SARAIVA; PUGEN; CHAVES, 2019). Compatibilizando da mesma ideia, Tomazzoni (2007) considera que a atuação profissional em turismo, proveniente de atividades de extensão e/ou de estágio, possibilitaria enriquecimento de competências aos discentes e futuros formandos. De acordo com o autor, o profissional que atua em algum segmento do sistema de turismo teria maiores oportunidades de desenvolver competências. Isto pois, as atividades de extensão possibilitam ao graduando a correlação entre o aprendizado na universidade e a aplicabilidade de sua profissão na sociedade (MANCHUR; SURIANI; CUNHA, 2013). Enquanto o estágio permite ao estudante consolidar as aprendizagens das aulas, obter experiência de maturidade pessoal e profissional e de desenvolvimento de competências, além de possibilitá-lo um futuro profissional e um plano de carreira (MARTINS, 2019).

A Extensão Universitária, segundo o Plano Nacional de Extensão publicado em 1999, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e promove a interação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade (apud CANON; PELEGRINELLI, 2019). De acordo com o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras - FORPROEX, a extensão universitária é

[...] uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmicos e populares, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/ prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (FORPROEX, 1987, np).

Além disso, a Extensão Universitária pode ser desenvolvida sob a forma de Programa, Projeto, Curso, Evento ou Prestação de Serviço Extensionista, definidos pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná (PROEC, c2017) conforme apresentado no Quadro 3.

QUADRO 3 - MODALIDADES DE EXTENSÃO E SUAS DEFINIÇÕES

Modalidades de Extensão	Definição
Programa de Extensão	Conjunto articulado de atividades que contemplam os cinco princípios da Extensão, das quais participam servidores e discentes de diferentes formações e áreas de conhecimento, integradas ao Ensino e Pesquisa e com parcerias comprovadas com a comunidade
Projetos de Extensão	Ações processuais e contínuas de caráter educativo, social, artístico, científico ou tecnológico que contemplam os cinco princípios extensionistas e visam resultado de mútuo interesse para a sociedade e para a comunidade acadêmica
Curso de Extensão	Ação pedagógica, de caráter teórico e/ou prático, planejada e organizada de modo sistemático, com carga horária previamente definida, que contempla ao menos o princípio de “Impacto e Transformação” e da “Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão”
Evento de Extensão	Atividade de apresentação ou exibição pública, livre ou com público específico, do conhecimento ou produto cultural, artístico, esportivo, científico e tecnológico desenvolvido e reconhecido pela Universidade
Prestação de Serviço Extensionista	Atividade que propõe o estudo e a solução de problemas profissionais ou sociais, o desenvolvimento de novas abordagens pedagógicas e de pesquisa, bem como transferência de conhecimentos e tecnologia à sociedade, de forma eventual ou permanente, podendo ser remunerada

Fonte: Adaptado de PROEC (c2017).

O processo de extensão baseia-se justamente na troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, tendo como consequência a democratização do conhecimento, a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade e uma produção resultante do confronto com a realidade (FORPROEX, 1987). Desta forma, essas atividades são oportunidades de contribuir de forma aplicada para o exercício dos perfis profissionais propostos por cada curso, auxiliando no desenvolvimento de conhecimentos, de saberes e de competências profissionais e pessoais requeridas pela natureza do seu trabalho (SARAIVA; PUGEN; CHAVES, 2019).

No Brasil, o artigo 207 da Constituição Brasileira determina que as universidades devem obedecer ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988), ou seja, essas são as três funções básicas das IES, as quais devem ser equivalentes e merecer igualdade em tratamento por parte das instituições, pois, ao contrário, estarão violando esse preceito constitucional (CANON; PELEGRINELLI, 2019). Reiterando esse pensamento e demonstrando a importância da extensão universitária, as novas determinações da creditação da extensão de amparo legal na Resolução nº 07 do MEC/CNE/CES que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, determinaram que as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, e que deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos (BRASIL, 2018).

No âmbito da formação em turismo, embora a extensão seja um dos pilares do ensino universitário, essas ações ainda se manifestam de maneira muito discreta, recebendo pouca atenção e dedicação de docentes e discentes — representando em 2011 aproximadamente o total de 23 iniciativas extensionistas na área de turismo, divididas em 16 instituições de ensino superior no Brasil, sendo 9 em instituições privadas e 14 em instituições públicas (MALERBA; LANDI; REJOWSKI, 2011). Portanto, principalmente no âmbito do turismo, área já significativamente afetada pelo afastamento entre formadores e contratantes que geram obstáculos na inserção profissional dos egressos, a articulação das ações extensionistas com os setores públicos e produtivos pode gerar uma aproximação ao mercado de trabalho.

A partir da prática o discente vai construindo cotidianamente sua identidade

peçoal e profissional alicerçadas na busca do saber ser, saber fazer e saber aprender, ou seja, na formação de suas competências (MANCHUR; SURIANI; CUNHA, 2013). Canon e Pelegrinelli (2019) acreditam que os acadêmicos que participam de projetos de extensão durante a graduação possuem uma oportunidade a mais de inserção na realidade que encontrará quando se tornar um profissional. Isto pois o acadêmico adquire a experiência do contato entre o aprendizado na Universidade e a aplicabilidade de sua profissão na sociedade, conhecendo a prática de sua profissão. Os autores também realizaram estudos com estudantes de nível superior e observaram que 52% dos entrevistados participaram e tem interesse em participar de projetos de extensão devido ao crescimento profissional proporcionado. Ademais, na mesma pesquisa, 72% dos discentes afirmaram aplicar os conhecimentos adquiridos nos projetos em sua rotina profissional.

Os estudos realizados por Pimentel e de Paula (2014) verificaram que 60% dos egressos do curso de turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG acreditavam que os conhecimentos adquiridos na graduação eram parcialmente utilizados ou inutilizados no mercado de trabalho e que os responsáveis integrais por seu aprendizado e posição atual no ambiente profissional foram os conteúdos de complementação da graduação oferecidos a partir de experiências extracurriculares de estágio e projetos de ensino, pesquisa e extensão. Observa-se, portanto, que a prática é, sem dúvida, grande aliada do crescimento e formação profissional do discente. Todavia, o conhecimento prático não advém somente das atividades de extensão universitária, como também, e principalmente, dos estágios.

Os estágios são um período muito importante na vida dos discentes pois, além de ser possível colocar em prática os fundamentos teóricos que são ensinados em sala de aula, são também uma forma de adquirir experiências profissionais relacionando-as ao cotidiano da Universidade (MARTINS, 2019). No contexto legal, de acordo com a Lei no 11.788 promulgada em 25 de setembro de 2008, o estágio é

Um ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008, p. 1).

Brinkhus (2008, p. 16) definiu os estágios como “atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas pela participação em situações reais de vida e de trabalho, que serão realizadas na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado”. Já para Custódio e Carrão (2012), a prática de estágio é uma atividade complementar aos estudos e uma alternativa de aprendizagem e qualificação profissional, sendo a aprendizagem um processo de crescimento contínuo como parte do desenvolvimento da vida e da construção de experiência. Rocha e Piccinini (2012) destacam ainda que os estágios foram criados em décadas anteriores pelas IES como um meio de complementação da formação e acesso ao mercado de trabalho. Segundo os autores, atualmente os estágios confirmam seu dever de inserção profissional organizada, tendo em vista que estão estruturados na convergência entre o sistema educativo e produtivo, no qual a universidade já incorpora aspectos de aprendizado prático à formação (ROCHA; PICCININI, 2012).

Quando desenvolvido adequadamente, orientado e avaliado, o estágio cria e aprimora benefícios tangíveis e intangíveis para o aluno, como a melhora da qualificação acadêmica, o aprimoramento de qualidades pessoais, o estímulo a transição da adolescência à vida adulta, o auxílio na transição da vida acadêmica à profissional, o exercício de educação vocacional, o rompimento da dicotomia entre o saber e o fazer e do “cordão umbilical” com a instituição de ensino, e oportuniza uma insubstituível experiência de vida (BARROS, LIMONGI-FRANÇA, 2004). Além disso, o estágio é o momento para testar na prática, em áreas específicas da profissão, o que são de maior interesse do estudante e de oferecer experiências práticas vividas para o currículo, pois esta é muito valorizada no mercado de trabalho e, muitas vezes, difícil de ser adquirida, tendo em vista que em diversos casos não se contrata pessoas inexperientes (CORREIA, SALGADO, DA COSTA, 2017). Sendo assim, espera-se que a partir destas práticas profissionais o estagiário saia do contexto teórico/acadêmico e entre em contato com o mercado de trabalho, observando, registrando e coletando informações que irão auxiliá-lo a desenvolver projetos ao longo do caminho (MARTINS, 2019).

O propósito é que o estágio impulse o início da carreira profissional no mercado de trabalho, a partir de uma vantagem competitiva, uma vez que o aluno

possui um aprendizado mais utilitário dos campos de atuação da sua profissão e maior bagagem curricular (CORREIA, SALGADO, DA COSTA, 2017). Para Martins (2019), diante das necessidades relacionadas à formação do turismólogo, a prática de estágio é um dos caminhos para complementar o conhecimento durante a graduação e auxiliar no desenvolvimento profissional, pois há a possibilidade de unir a teoria aprendida no meio acadêmico com a prática no mercado de trabalho. Neste sentido, a autora estudou a motivação que leva os discentes de turismo à prática do estágio, sendo que a maioria indica a 1) aquisição de experiência, uma vez que o estágio serve como precursor de entrada em uma determinada área e permite que o discente adquira conhecimentos na mesma, envolvendo teoria e prática; e 2) a remuneração, que possibilita a aquele que não consegue um emprego com carteira assinada, por exemplo, uma opção de renda.

Estudos comprovam ainda que 73,4% dos profissionais que no momento atual estão inseridos no mercado de trabalho iniciaram as atividades em sua área de formação durante o período na graduação (SEMESP, 2020 apud UNOESTE, 2021). Desta maneira, a extensão e o estágio se manifestam como uma maneira de proporcionar experiência e conhecimento, especialmente para as pessoas que procuram uma oportunidade de atuação profissional pela primeira vez e que podem, com isso, galgar posições mais compensadoras no futuro (MARTINS, 2019).

Logo, segundo Saraiva, Pugen e Chaves (2019), as IES necessitam atentar para os processos de mudanças que envolvem o mercado e os perfis profissionais atuais, para que possam elaborar planos de cursos que atendam demandas de origem teórico-práticas e que, por sua vez, contemplem a formação profissional que corresponda às aspirações atuais. As atividades práticas devem ser contempladas no planejamento das atividades pedagógicas, pois não há dissociação entre teoria e prática para a educação profissional. Neste sentido, a provocação para as Instituições de Ensino consiste em realmente transformar seus espaços de aprendizagens tradicionais em espaços dinâmicos e interativos, em atendimento às novas características comportamentais das atuais gerações (SARAIVA; PUGEN; CHAVES, 2019).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho visa compreender de que maneira a empregabilidade dos estudantes e egressos de turismo pode ser trabalhada a partir da extensão e dos estágios, a fim de propor a criação de um núcleo de estágio e extensão para o Curso de Turismo da UFPR. Para isso, utilizou-se a pesquisa exploratória-descritiva, de caráter qualitativo e quantitativo, com dados de fontes primárias e secundárias.

Esses aspectos são descritos no Quadro 4, em que são apresentados resumidamente a caracterização da pesquisa de acordo com seus objetivos específicos estabelecidos, seus materiais e métodos utilizados para a realização do trabalho, provenientes de diferentes fontes de dados. Além disso, aborda-se as técnicas e instrumentos de coleta de dados utilizados para alcançar cada objetivo.

QUADRO 4 – CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA A PARTIR DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (OE)	FONTES DE DADOS	TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS	INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	ANÁLISE DOS DADOS
OE1: Descrever o desenvolvimento dos cursos superiores em turismo no Brasil de 1970 a 2020.	Dados Secundários	- Pesquisa bibliográfica e documental.	- Fichamento de livros, artigos e documentos.	Análise qualitativa e quantitativa.
OE2: Compreender a empregabilidade do mercado de trabalho de turismo e suas problemáticas.	Dados Primários e Secundários.	- Pesquisa bibliográfica e documental; - Pesquisa de campo (questionários).	- Fichamento de livros, artigos e documentos. - Questionários para docentes e discentes do Curso de Turismo da UFPR, e para entidades de classe de Curitiba e Região Metropolitana.	Análise qualitativa e quantitativa.
OE3: Entender o papel da extensão universitária e dos estágios na formação profissional dos bacharéis em turismo.		- Pesquisa bibliográfica e documental; - Pesquisa de campo (questionários).	- Fichamento de livros, artigos e documentos. - Questionários para docentes e discentes do Curso de Turismo da UFPR, e para entidades de classe de Curitiba e Região Metropolitana.	Análise qualitativa e quantitativa.

FONTE: A autora (2021).

3.1 TIPO DE PESQUISA

O estudo se desenvolveu a partir de uma pesquisa exploratória-descritiva, tendo em vista que, segundo Veal (2011), a primeira abordagem de pesquisa citada tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, enquanto a segunda descreve o objeto de estudo (GIL, 2008) e se justifica na descrição do ensino superior em turismo no Brasil, do mercado de trabalho em turismo e da importância da extensão universitária e do estágio na formação acadêmica.

A investigação do trabalho é classificada como sendo de uma pesquisa qualitativa e quantitativa. Qualitativa pois descreve o problema através de análises e percepções mais subjetivas necessárias para a completa compreensão de situações (VEAL, 2011). O aspecto quantitativo do estudo advém da análise estatística, baseada nas evidências numéricas (VEAL, 2011). As duas abordagens estão incluídas na coleta de dados e nos instrumentos utilizados para tal finalidade, sendo os questionários aplicados com os professores do Curso de Turismo da UFPR e com as entidades de classe do turismo presentes em Curitiba e Região Metropolitana qualitativos e o questionário online aplicado com alunos do Curso de Turismo da UFPR quali-quantitativo. Tudo isso possibilitou o levantamento de informações, tanto estatísticas quanto teóricas, para compreensão total do tema estudado, tratando da empregabilidade, a relação academia-mercado e a viabilidade, importância e necessidade do projeto proposto na visão destes envolvidos.

3.2 TÉCNICA DE PESQUISA E COLETA DE DADOS

Os dados coletados e utilizados para esta pesquisa são de fontes primárias, e secundárias. De acordo com Marconi e Lakatos (1992, p. 24), “fontes primárias são contatos diretos, pesquisa de campo ou de laboratório realizados com pessoas que podem fornecer dados ou sugerir possíveis fontes de informações úteis”. Neste trabalho, os dados primários advém dos questionários realizados com os três agentes envolvidos no estudo: os discentes do Curso de Turismo da UFPR; as entidades de classe da área, representando o mercado (como a ABAV/PR, ABIH/PR e ABRASEL/PR); e os graduandos do Curso de Turismo da UFPR.

Já os dados secundários, caracterizados também por Marconi e Lakatos (1992), são aqueles já buscados por outra pessoa que cumprem o papel de auxiliar o pesquisador a analisar e tirar o máximo proveito possível desse material. No presente estudo, as fontes secundárias foram utilizadas no desenvolvimento da revisão de literatura, composto por pesquisa bibliográfica e documental, que englobam informações e produções científicas realizadas sobre o tema de estudo, possibilitando embasamento da pesquisa em materiais já existentes (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Foram aplicadas as técnicas de pesquisa bibliográfica e documental para a elaboração da revisão de literatura referente aos capítulos sobre a formação superior em Turismo no Brasil, o mercado de trabalho e a empregabilidade no Turismo, além da extensão universitária e dos estágios na formação profissional. Neste caso, a coleta dessas fontes secundárias de teor documental foi feita através de jornais e documentos oficiais. Já a de teor bibliográfico foi realizada a partir de livros, artigos de revistas científicas, publicações em anais de eventos, monografias, teses e dissertações encontradas em pesquisas feitas nas bases de dados Publicações de Turismo e Google Acadêmico.

3.2.1 Instrumentos de Coleta de Dados

Ao final da revisão de literatura e da definição dos métodos e técnicas de pesquisa foi realizada a construção dos instrumentos de coleta de dados. Para isto, os questionários foram elaborados com base na literatura sobre o tema, a partir da identificação de aspectos a serem tratados para o alcance dos objetivos específicos e para o desenvolvimento do projeto de planejamento e gestão de turismo.

Foram utilizados dois questionários, aplicados de forma assíncrona a partir do Google Docs com docentes do Curso de Turismo da UFPR e com representantes de entidades de classe do turismo de Curitiba e Região Metropolitana, com critérios para compreensão e alcance dos OE2 e OE3 (descritos no item 3.2.1.1.). Além disso, foi utilizado um questionário online, criado e aplicado com discentes do Curso de Turismo da UFPR por meio do Google Forms, com intuito de atingir também os OE2 e OE3 (descritos no item 3.2.1.2.). Os questionários são do tipo de

amostragem não probabilística por conveniência, característica pela escolha de membros devido sua proximidade. Esse tipo de amostra é caracterizada pela seleção de alguns elementos integrantes da população total, de acordo com a facilidade de acesso a estes (GIL, 2008) e apesar de não ser representativa de toda a população, permite a observação de hábitos, opiniões e pontos de vista (VEAL, 2011).

3.2.1.1 Questionários com Docentes do Curso de Turismo da UFPR e com Representantes das Entidades de Classe do Turismo de Curitiba e Região Metropolitana

Esse instrumento permite a obtenção de dados que não se encontram nas fontes bibliográficas e documentais, além de fornecer possíveis explicações acerca do que se investiga (MARCONI; LAKATOS, 1999). Sondagens com questionários envolvem a coleta de informações de indivíduos usando uma estrutura de perguntas formalmente planejada (VEAL, 2011), e que, neste caso, tinham por objetivo alcançar dois objetivos específicos relacionados ao estudo.

O primeiro questionário tratava da empregabilidade do mercado de trabalho de turismo e suas problemáticas (OE2) e do entendimento do papel da extensão universitária e dos estágios na formação profissional dos bacharéis em turismo (OE3). Para isso, foi direcionado às principais entidades de classe do turismo presentes em Curitiba e em sua Região Metropolitana: ABIH/PR, ABAV/PR, ABRASEL/PR e ABEOC/PR. A escolha dos respondentes considerou que essas instituições podem representar os ideais e interesses do mercado no geral, além da maior facilidade de acesso a estes, tendo em vista que se localizam na região do estudo. Para isso, após a revisão de literatura sobre os assuntos tratados, desenvolveu-se as questões e o check-list de pontos chaves a serem tratados durante a aplicação desse instrumento de coleta (QUADRO 5). Desta forma, com essa estrutura de questões, descrita no Apêndice 1, objetivava-se o alcance de informações sobre a empregabilidade e o mercado de trabalho de turismo, as principais habilidades necessárias para os bacharéis adentrarem nesse ambiente, a relação do mercado com a academia, as problemáticas encontradas neste cenário, e

a importância do estágio e da extensão.

QUADRO 5 - PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS ASSOCIAÇÕES DO TURISMO DE ACORDO COM OS TÓPICOS E AUTORES TRATADOS NA REVISÃO DE LITERATURA

TÓPICOS	AUTORES	PERGUNTAS	CHECK-LIST
Mercado de Trabalho em Turismo	SILVA; DE HOLANDA; LEAL (2018), SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI (2020).	1. Você pode falar um pouco do mercado de trabalho para os bacharéis em turismo na sua área?	- Das áreas de atuação; - Cargos ocupados, etc.
	RUSCHMANN (2002), BARRETTO et al. (2004), SOGAYAR; REJOWSKI (2011), COELHO; SAKOWSKI (2014).	2. Quais as principais problemáticas do mercado de trabalho dessa área?	- Problemas; - Dificuldades.
	ANSARAH (2002), KONG (2015), SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI (2020)	3. Como você analisa a formação superior em turismo para atuação nesse mercado de trabalho?	- Problemas existentes; - Desalinhamento; - Habilidades; - Visão de mercado, etc.
	TOMAZONI (2007), MOTA (2007), SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI; VALLE; MEDAGLIA (2019), EURICO (2011), CORREIA; SALGADO; DA COSTA (2017).	4. Como você analisa a relação academia x mercado de trabalho em turismo? o que é bom nessa relação? o que se pode mudar?	- Diferenças e maneiras de diminuí-las; - Ações das associações; - Parcerias empresas e IES.
Empregabilidade	KNIGHT (2001), EURICO (2011), NAKATANI (2020), CLARKE (2018), TYMON (2013), PIMENTEL; DE PAULA (2014).	5. Qual perfil de aluno formado em um curso superior de turismo o mercado de trabalho da sua área espera?	- Habilidades; - Conhecimentos; - Qualificação profissional.
Estágio e Extensão Universitária	TOMAZONI (2007), BARDAGI; HUTZ (2009), MARTINS (2019), ROCHA; PICCININI (2012), CORREIA; SALGADO; DA COSTA (2017).	6. Primeiramente, como você enxerga a relação do estágio com a empregabilidade no setor do turismo?	- Influência profissional - Experiências - Conhecimentos adquiridos - Vantagem competitiva no mercado de trabalho, etc.
	SARAIVA; PUGEN; CHAVES (2019), CANON; PELEGRINELLI (2019), MANCHUR; SURIANI; CUNHA (2013).	7. E como você enxerga a relação da extensão universitária com a empregabilidade no setor do turismo?	- Influência profissional - Experiências - Conhecimentos adquiridos - Vantagem competitiva no mercado de trabalho, etc.

FONTE: A autora (2021).

O segundo modelo de questionário também serviu para compreender a empregabilidade do mercado de trabalho de turismo e suas problemáticas (OE2) e entender o papel da extensão universitária e dos estágios na formação profissional dos bacharéis em turismo (OE3).

QUADRO 6 - PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO APLICADO COM DOCENTES DO CURSO DE TURISMO DA UFPR DE ACORDO COM OS TÓPICOS E AUTORES DA REVISÃO DE LITERATURA

TÓPICOS	AUTORES	PERGUNTAS	CHECK-LIST
Formação Superior em Turismo	BRASIL (2006), BRASIL (2008).	1. Você pode falar um pouco sobre a estrutura curricular do curso de Turismo/UFPR?	- Conteúdos; - Eixos temáticos; - Atividades complementares.
	CORREIA; SALGADO; DA COSTA (2017), ROCHA, PICCININI (2012).	2. E quais os métodos de ensino-aprendizagem utilizados no curso?	- Como os conteúdos são ministrados; - Forma de ensino.
	SARAIVA; PUGEN; CHAVES (2019).	9. Esse é o cenário ideal de formação de bacharéis em turismo? O que você mudaria ou como complementar?	- Mudanças necessárias; - Inovações.
Mercado de Trabalho em Turismo e Empregabilidade	SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI (2020), PIMENTEL, DE PAULA (2014), NAKATANI; VALLE; MEDAGLIA (2019).	3. Que perfil de bacharéis em turismo você acredita que são formados?	- Habilidades/competências oferecidas (domínio de línguas, trabalho em equipe, etc).
		4. O que o mercado espera da formação superior em turismo e o que é oferecido?	- Alinhamento da formação superior e do mercado; - Expectativa x realidade.
	MOTA (2007), EURICO (2011), TOMAZONI (2007), SILVEIRA; MEDAGLIA; NAKATANI (2020), CORREIA; SALGADO; DA COSTA (2017).	5. Você observa problemas entre a formação superior em turismo e o mercado de trabalho? Se sim, quais?	- Habilidades; - Visão de mercado; - Demanda de profissionais; - Áreas de atuação, etc.
	ALVES (2010), MALSCHITZKY, (2004).	6. Existem iniciativas desenvolvidas em conjunto entre o mercado de trabalho em turismo e o curso de turismo da UFPR? Quais são? Como acontecem?	- Relação do curso de turismo da UFPR com o mercado de trabalho de turismo; - O que agrega para inserção profissional.
Estágio	TOMAZZONI (2007), BARDAGI; HUTZ (2009), ROCHA; PICCININI (2012), CORREIA; SALGADO; DA COSTA (2017), MARTINS (2019).	7. Para você, qual o papel do estágio para a formação dos alunos?	- Influência profissional; - Conhecimentos; - Vantagem competitiva etc.
Extensão	CANON; MANCHUR; SURIANI; CUNHA (2013). PELEGRINELLI (2019), SARAIVA; PUGEN; CHAVES (2019).	8. E o papel da extensão universitária para a formação dos alunos?	- Influência profissional; - Conhecimentos; - Vantagem competitiva etc.

FONTE: A autora (2021).

Esse instrumento de coleta de dados foi direcionado para nove dos quinze docentes do Curso de Turismo da UFPR, tendo em vista que são atualmente os professores efetivamente atuantes do curso⁹ e detentores de um amplo conhecimento sobre os assuntos tratados. Também considera-se o fato da pesquisadora ser estudante deste curso e possuir proximidade com esse público alvo como um determinante para escolha desses questionados, tendo em vista que facilita o estudo e o alcance do objetivo — amostragem não probabilística por conveniência. Ademais, assim como o questionário descrito anteriormente que será aplicado com associações do turismo, esse instrumento de coleta de dados também foi construído a partir do levantamento dos principais tópicos tratados na revisão de literatura sobre o tema abordado (QUADRO 6).

O objetivo era que a partir disso fosse possível entender as habilidades oferecidas aos alunos durante o curso, a relação da universidade com o mercado de trabalho, a opinião dos docentes sobre o papel dos estágios e da extensão na formação superior, além das problemáticas presentes nesse âmbito.

3.2.1.2 Questionário com Discentes do Curso de Turismo da UFPR

Considerando que esse instrumento de coleta de dados permite um maior alcance e abrangência de pessoas, além de respostas mais exatas e claras (MARCONI; LAKATOS, 1999), foi criado um questionário online, por meio do *software* Google Forms, com intuito de identificar e analisar dois objetivos específicos: a empregabilidade do mercado de trabalho de turismo e suas problemáticas (OE2) e o papel da extensão universitária e dos estágios na formação profissional dos bacharéis em turismo (OE3) (APÊNDICE 4).

Para isso, o questionário foi dividido em quatro eixos temáticos, sendo eles: a formação superior em turismo, o mercado de trabalho em turismo, o estágio e a extensão universitária. A partir destes temas foi possível atingir informações sobre como os estudantes avaliam os conteúdos propostos na formação, as práticas de atividades complementares, os conhecimentos e habilidades alcançados, a relação

⁹ Atualmente o curso de turismo da Universidade Federal do Paraná é composto por quinze professores, entretanto, alguns destes estão no período de licença, então não poderão fazer parte da amostra de pesquisa.

mercado-academia, as problemáticas do setor, a evasão, etc.

Esse formulário foi distribuído entre os 174 alunos atualmente matriculados no curso de Turismo da UFPR¹⁰, tendo em vista que o projeto de planejamento e gestão de turismo proposto no presente trabalho é direcionado a estes estudantes e que a presente pesquisadora também é discente deste curso, gerando uma facilidade de aproximação — caracterizada como amostragem por conveniência. Para isso, as questões foram construídas da mesma forma que os questionários anteriormente citados, ou seja, a partir do levantamento dos principais pontos de destaque retirados da revisão de literatura.

3.2.1.3 Pré Teste dos Instrumentos de Coleta de Dados

De acordo com Marconi e Lakatos (1999), é necessário testar os instrumentos de coleta de dados antes de sua utilização definitiva, o aplicando a um pequeno grupo de respondentes com características semelhantes à da população alvo. Essa fase da pesquisa serve para verificar se os instrumentos — neste caso, os questionários — apresentam validade (os dados coletados são necessários à pesquisa) e operatividade (o vocabulário é acessível e o significado é claro) (MARCONI; LAKATOS, 1999). Sendo assim, neste estudo foi realizado o pré teste dos três instrumentos de coleta de dados desenvolvidos, buscando o aperfeiçoamento destes.

Primeiramente, foi realizado o levantamento de possíveis professores do Curso da UFPR respondentes, e posterior seleção de quais seriam contactados para as entrevistas e para a fase de pré teste e quais, por outros motivos (como licença médica), não seriam chamados. Desta maneira, para pré teste foram selecionadas duas professoras doutoras que adentraram recentemente no Curso, e que por este motivo ainda não possuem um vasto conhecimento em relação a este e a Universidade. Entretanto, as respondentes possuem experiências anteriores de docência em cursos de nível superior em turismo, fato extremamente relevante e útil para verificação das perguntas desenvolvidas para o questionário (apêndice 2). Então, no dia 21 de julho de 2021 foram aplicados os instrumentos como pré-teste,

¹⁰ Informação obtida diretamente com a secretaria do Curso de Turismo da UFPR.

excepcionalmente, nestes dois casos, feitas a partir de duas entrevistas online, com duração média de 40 minutos. A partir da aplicação do instrumento foi possível a reformulação de uma questão relacionada à estrutura curricular do curso que não estava suficientemente clara para as entrevistadas.

Com o mesmo objetivo de aperfeiçoamento e avaliação do instrumento de coleta de dados, buscou-se a partir dos sites oficiais da Associação Brasileira da Indústria de Hotéis da Regional Oeste do PR - ABIH meios de contato para realização de uma, também excepcional, entrevista online de pré teste. Isto pois, apesar desta regional não fazer parte das entidades listadas para aplicação efetiva dos questionários, devido sua localização, ainda proporciona informações e conhecimentos semelhantes aos do público alvo selecionado. Portanto, no dia 29 de julho de 2021 foi realizado o teste do instrumento de coleta com o vice-presidente da ABIH Regional Oeste PR, na qual foi possível identificar a falta de questões relacionadas às problemáticas no setor e a possibilidade de união de perguntas que tratavam de assuntos afins.

Por fim, realizou-se o pré teste do questionário online. Para isso, foram feitas alterações no questionário que foi distribuído aos discentes do Curso de Turismo da UFPR, para que, neste momento de avaliação do instrumento de coleta de dados, universitários de qualquer curso de nível superior e de qualquer lugar do Brasil pudessem respondê-lo. Isto, visto que, a finalidade era entender a efetividade e a clareza das questões propostas para alcance dos objetivos, independente do curso do respondente. O questionário foi compartilhado em um grupo de universitários no Facebook (Universitários Brasil) e de amigos pessoais, alcançando vinte e uma respostas em três dias (do dia 27 de junho de 2021 a 29 de junho de 2021). A partir das respostas foi possível comprovar a eficácia do questionário, como também a necessidade de exclusão de determinadas questões propostas, e de mudanças na apresentação e na forma de cobrança das perguntas.

Sendo assim, os testes preliminares evidenciaram possíveis dificuldades na coleta de dados, como a formulação, a ambiguidade e a subjetividade das perguntas a serem aplicadas com o público alvo, além da necessidade de adequação dos instrumentos, entre outros pontos. Possibilitaram também a verificação das falhas que os instrumentos de pesquisa possuíam e permitiu corrigi-las antes de sua

aplicação definitiva. Ademais, reiteraram a excelência das questões que não foram modificadas, tendo em vista que apresentaram o resultado esperado.

3.2.2 Tabulação e Interpretação dos Dados

Por se tratar de uma pesquisa exploratória-descritiva, segundo Veal (2011), a tabulação dos dados quantitativos do estudo necessita de análises de frequência e médias, apresentando somas e porcentagens de cada variável presente nos dados alcançados por meio dos instrumentos de coleta.

A análise dos dados qualitativos tende a ser mais complexa e detalhada do que outras. Neste estudo, esta tabulação foi feita a partir de uma investigação dos dados recolhidos, buscando suporte na literatura para as conclusões deste estudo e confirmação ou refutação das hipóteses que se tinha.

Sendo assim, para realizar a tabulação desses materiais, foram utilizados *softwares* de avaliação de dados qualitativos (Word) e quantitativos (Excel). A partir disso, foram feitos os passos seguintes, referentes à elaboração de um projeto de aplicação prática para o planejamento e gestão em turismo.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Neste tópico serão apresentados e descritos, de forma qualitativa e quantitativa, os dados obtidos por meio dos instrumentos de coleta de dados: questionários on-line com alunos do Curso de Turismo da UFPR, questionário com professores do curso de Turismo da UFPR e questionário com representantes das entidades de classe do turismo presentes em Curitiba e Região Metropolitana. Além disso, faz-se a análise e a discussão dos resultados alcançados, juntamente com a interpretação de seus resultados empíricos.

4.1 QUESTIONÁRIO ONLINE COM ALUNOS DO CURSO DE TURISMO DA UFPR

Como supracitado no item 3.2.1.2, o objetivo do formulário online foi compreender a empregabilidade do mercado de trabalho de turismo e suas problemáticas (OE2) e identificar e entender o papel da extensão universitária e dos estágios na formação profissional dos bacharéis em turismo (OE3). Para isso, o instrumento de coleta foi dividido em quatro eixos temáticos, sendo eles: a formação superior em turismo, o mercado de trabalho em turismo, o estágio e a extensão universitária.

O formulário foi disponibilizado on-line de 23 de agosto a 28 de setembro de 2021, totalizando 67 respostas de alunos do Curso de Turismo da UFPR (ou 38% dos estudantes regularmente matriculados). Majoritariamente os respondentes ingressaram a cerca de quatro ou três anos na IES (58,2%), se identificam com o gênero feminino (67%) e possuem em média 24 anos. Entretanto, apesar da maioria ter 22 anos (19,4%), os estudantes do curso possuem uma variação de faixa etária, com mínimo de 19 anos e máximo de 56 anos — o que demonstra certa pluralidade no perfil dos discentes.

Mais de 70% dos alunos escolheram cursar turismo devido a vocação (49,3%) ou a empregabilidade do setor (20,9%), entretanto, os possíveis motivadores para evasão da área de estudo são justamente a dificuldade de inserção profissional e a baixa perspectiva de carreira — aspectos intrinsecamente ligados à empregabilidade. Segundo Eurico (2011), a conclusão do ensino superior

está atrelada no imaginário como uma formação enriquecedora para o indivíduo a vários níveis, com a aquisição de conhecimentos pertencentes a área de estudo e consequente abertura e acréscimo de valor deste egresso no mercado de trabalho. Desta forma, as respostas dos estudantes permitem entender que existe uma certa distância entre o que se espera e idealiza da formação superior e do mercado de trabalho do turismo, e o que realmente é.

58,2% dos respondentes acreditam que a principal contribuição do curso superior em turismo para o aluno é a aquisição de uma formação profissional, isto pois, concordam totalmente (37) ou parcialmente (8) que os conhecimentos e habilidades aprendidos na academia são utilizados no mercado de trabalho. Dos 67 respondentes, 30 concordam que a academia forma futuros profissionais competitivos para atuarem no mercado de trabalho, todavia, 31,3% não tem certeza se a titulação acadêmica realmente proporciona acesso ao mercado de trabalho. Para 47,7% dos estudantes de turismo, a afirmativa de que o mercado requer pessoas com experiências técnicas é totalmente verdadeira, e para 34,3% é parcialmente.

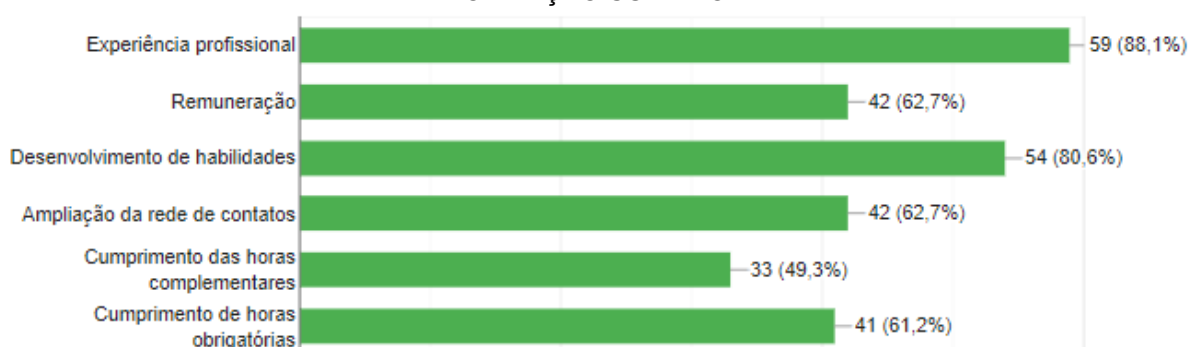
Os respondentes também não tem certeza (22), discordam parcialmente (16) ou totalmente (2) sobre o fato da formação superior estar alinhada às demandas do mercado, assim como discutido por autores como Rushmann (2002); Barreto et al. (2004), Mota (2007), Sogayar e Rejowski (2011) ao longo do tempo. Neste sentido, dos 67 alunos, 52 concordam plenamente ou parcialmente que parcerias entre instituições de ensino superior e empresas do setor permitem que a academia ofereça uma formação alinhada à atual demanda. Além disso, 55 respondentes concordam totalmente ou parcialmente, que essas parcerias possibilitam o aumento da conexão do aluno com o mercado de trabalho.

Para 83,5% é necessário, portanto, um maior vínculo entre os cursos superiores de turismo e as empresas do setor. Para isso, cerca de 88% acreditam que um ensino superior de qualidade deve possuir atributos característicos de empregabilidade, sendo que 87,9% concordam plenamente ou parcialmente. Ademais, 30 alunos concordam que há interligação entre teoria e prática durante a formação superior em turismo, e também que atividades complementares geram um maior envolvimento acadêmico e profissional durante a graduação.

Neste âmbito, dentre as cinco opções de atividades complementares a serem desenvolvidas pelos discentes durante a formação superior, a participação em eventos e cursos é a mais significativa, sendo desenvolvida por mais de 90% destes. Em seguida destacam-se os estágios não obrigatórios, realizados por 76,1% e as atividades de ensino e pesquisa, feitas por 67,1%. Por fim, tem-se as atividades de extensão e a representação estudantil, feitas por 65,6% e 28,3% dos alunos, respectivamente. Constata-se, portanto, que as atividades de extensão são menos desenvolvidas durante a graduação em turismo, quando comparadas aos estágios. Entretanto, ambos — estágios e atividades de extensão — são extremamente importantes neste cenário de formação superior.

Para discutir e entender o papel do estágio na formação profissional dos bacharéis em turismo segundo a perspectiva dos alunos do Curso de Turismo da UFPR, criou-se um segundo bloco de perguntas contendo quatro questões. Como citado anteriormente, 76,1% dos alunos já fizeram estágio ou atualmente fazem. Segundo os respondentes, as principais motivações para desenvolver essa atividade são: experiência profissional (88%), desenvolvimento de habilidades (80,6%), ampliação de rede de contatos (62,7%), remuneração (62,7%), cumprimento de horas obrigatória (61,2%) e de horas complementares (49,3%).

FIGURA 2 - MOTIVAÇÕES DOS RESPONDENTES PARA FAZER ESTÁGIO DURANTE A FORMAÇÃO SUPERIOR



FONTE: A autora (2021).

Desta maneira, infere-se que para os estudantes de turismo a prática de estágio está presente na construção de sua trajetória profissional. Esse argumento é reiterado a partir dos 59,7% dos respondentes, que acreditam que o estágio é útil

tanto para o mercado de trabalho quanto para a formação acadêmica. Dos 67 respondentes, 40 concordam totalmente e 20 parcialmente que estagiar possibilita enriquecimento de competências aos discentes. Além disso, acreditam plenamente (39) ou parcialmente (21) que estágios contribuem de forma aplicada para a formação de perfis profissionais. Estes ideais são reiterados no estudo realizado por Noro, Abbade e Diefenthaler (2011), em que se conclui que a experiência de mercado através de estágios e trabalhos durante a faculdade desenvolve constantemente as competências pessoais, profissionais e de network do discente.

A maioria concorda (27) que estágios consolidam os aprendizados teóricos das aulas e que são diferenciais no mercado de trabalho (29). Por fim, os discentes também concordam totalmente (39) ou parcialmente (18) que estágios impulsionam o início da carreira profissional no mercado de trabalho do turismo. Neste sentido, Barretto et al. (2004 apud ALBUQUERQUE; QUILLICI NETO, 2014) defendem a ideia da universidade como meio para qualificação e capacitação profissional.

Por fim, no que se refere ao papel da extensão universitária na formação profissional dos bacharéis em turismo segundo a perspectiva dos alunos do Curso de Turismo da UFPR, criou-se um terceiro bloco de perguntas composto por quatro questões. A grande maioria dos respondentes (65,6%) já participou ou atualmente participa do desenvolvimento de atividades de extensão, motivados principalmente pelo desenvolvimento de habilidades (86,6%), experiência profissional (59,7%), bolsa de extensão (59,7%), cumprimento das horas complementares (58,2%) e ampliação da rede de contatos (49,3%).

FIGURA 3 - MOTIVAÇÕES DOS RESPONDENTES PARA FAZER EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DURANTE A FORMAÇÃO SUPERIOR



FONTE: A autora (2021).

Desta maneira, assim como o estágio, os alunos desenvolvem as atividades de extensão visando o futuro profissional. Para 49,3% essa prática é útil não somente para o mercado de trabalho, como também para a formação acadêmica. Neste sentido, 30 acadêmicos concordam totalmente e 24 parcialmente com a afirmativa de que a extensão universitária contribui de forma aplicada para a formação profissional.

Isto, provavelmente, pois a maioria (57) acredita que a atuação nestas atividades de extensão possibilitam enriquecimento de competências aos discentes, que podem também influenciar no futuro profissional (28 concordam parcialmente e 22 totalmente). Para Eurico, Silva e Valle (2013), as experiências acadêmicas, como as proporcionadas pela extensão, e profissionais permitem ao discente reunir um conhecimento importante para uma abordagem integrada do ensino do Turismo e para o delinear estratégias futuras visando o sucesso de toda a formação.

4.2 QUESTIONÁRIO COM PROFESSORES DO CURSO DE TURISMO DA UFPR

Como descrito no item 3.2.1.1, o questionário aplicado com docentes do Curso de Turismo da UFPR buscou compreender a empregabilidade do mercado de trabalho de turismo e suas problemáticas (OE2) e entender o papel da extensão universitária e dos estágios na formação profissional dos bacharéis em turismo (OE3). Inicialmente, o instrumento de coleta de dados seria aplicado a partir de entrevistas, entretanto, devido a dificuldade de realização destas, o mesmo teve que ser alterado para um questionário com respostas abertas e escritas pelos questionados a partir do Google Docs. O instrumento foi enviado para 9 professores do curso em questão, e foi respondido por 5 destes¹¹, alcançando informações sobre a formação superior em turismo e a extensão universitária e os estágios nesse cenário.

Inicialmente buscou-se entender a estrutura curricular do curso. Segundo os questionados, o Curso de Turismo da UFPR já teve diversas reformulações no

¹¹ Neste estudo os cinco respondentes não serão identificados, tendo seu nome substituído por questionado 1, questionado 2, questionado 3, questionado 4 e questionado 5, independente do gênero.

currículo, sendo a última feita em 2015. De acordo com o questionado 2, as alterações de carga horária, disciplinas e ementas são realizadas periodicamente, entretanto, sempre mantendo os conhecimentos fundamentais para a formação do turismólogo, conforme legislação vigente em cada época. Para o questionado 5, "essas modernizações são importantes para manter o currículo atualizado com as novas tendências sociais, de mercado e práticas do turismo".

Atualmente o curso tem uma carga horária total de 3.030 horas, divididas em núcleos de disciplinas com 1) conteúdos obrigatórios, em que se enquadram 360 horas exigidas de estágio e 2) conteúdos optativos, constituídos por 240 horas de atividades formativas, em que se incluem as atividades de extensão universitária (questionado 3). A ideia é que essa estrutura, bastante tradicional, ofereça disciplinas para cada grande área que compõe o turismo, como alimentos e bebidas, agenciamento, eventos etc, e que isso ofereça aos alunos uma visão ampla da área de estudo (questionado 4).

Para isso, apesar dos métodos de ensino aprendizagem utilizados pelos docentes variarem, o ensino, a pesquisa e a extensão são predominantes (questionado 1). No geral, a metodologia de ensino vigente é formada por aulas expositivas dialogadas, estudos de caso, seminários, palestras, debates, vivências e análise de situações reais por meio das aulas práticas (questionados 1, 2 e 5). Além disso, os professores detêm uma carga horária de 15 horas para realização de aulas práticas, como visitas técnicas e viagens (questionado 3). Segundo o questionado 4, o objetivo é que os alunos possam construir o conhecimento aliando a teoria com a prática. Neste cenário é importante observar que a falta de interligação entre teoria e prática durante o ensino superior em turismo, tão debatida por autores como Mota (2007) pode estar sofrendo modificações.

De acordo com o questionado 1, o Curso de Turismo da UFPR oferece uma "formação profissional crítica e reflexiva, pautada na busca de soluções para os problemas do mercado e da sociedade com foco na sustentabilidade e no desenvolvimento do turismo". Neste sentido, são formados alunos generalistas, ou seja, sem especialidade em apenas uma área (questionado 4), mas que respondem bem às demandas de mercado e sociais, atentos à realidade externa à universidade (questionado 5). Segundo o questionado 2, a UFPR oferece à sociedade bacharéis

em turismo com um perfil humanista, técnico e científico, entretanto, o questionado 3 acredita que apesar do estudante ter uma forte formação em planejamento e gestão, falta conhecimento em empreendedorismo e novas tecnologias.

Quando questionados sobre o que o mercado espera da formação superior em turismo e o que realmente é oferecido, de forma unânime os questionados concordam que existe uma grande dicotomia. Os questionados 2, 4 e 5 afirmam que o mercado de trabalho e as empresas de turismo esperam uma mão de obra com formação técnica e operacional voltada para funções manuais de menor qualificação e baixa remuneração. Entretanto, “o curso oferece uma formação abrangente e alinhada a aspectos multidisciplinares, com foco no planejamento e gestão do turismo, o que promove versatilidade ao egresso para atuar no mercado” (questionado 1).

Esses aspectos são também observados e discutidos por Silveira, Medaglia e Nakatani (2019), que apontam uma lacuna de diálogo entre os agentes envolvidos, que gera ruídos e que diminui a integração entre mercado e formação. Neste sentido, para o questionado 4, o curso não forma a linha de frente (o operacional), mas sim gestores e pensadores de turismo que buscam o desenvolvimento da atividade e não apenas a resolução de operações. Consoante a isso, o questionado 5 afirma que o curso oferece uma formação para longo prazo dos egressos, não ferramental imediata que pode ser objeto de treinamentos.

Não obstante, quando questionados sobre quais os problemas entre a formação superior em turismo e o mercado de trabalho, a maioria dos questionados retoma os aspectos evidenciados anteriormente — no parágrafo e na pergunta anterior — e aponta as diferenças de expectativas entre mercado do turismo e formação acadêmica superior na área. Já o questionado 5 indica um distanciamento da academia em relação ao mercado e pouco diálogo que possa permitir uma maior capilaridade profissional dos egressos. Esse aspecto também é abordado pelo questionado 3, que afirma existir uma “baixa quantidade de vagas para estágio em empresas do setor turístico e uma carência de parcerias entre as instituições de ensino e as organizações público/privadas”.

Apesar do julgamento da questionado 3, os professores acreditam que existem iniciativas desenvolvidas em conjunto entre o mercado de trabalho em

turismo e o Curso de Turismo da UFPR. As mais apontadas foram as realizadas pelos diversos projetos de extensão do curso, como iniciativas do Núcleo de Estudos Turísticos da UFPR - AGETUR e do Observatório de Turismo do Paraná - OBSTUR como cursos e eventos de extensão com a participação de profissionais do mercado, pesquisas envolvendo alunos voluntários e bolsistas, parcerias em outros programas/projetos com instituições da área, etc. Os questionados também apontam as atividades de estágio de alunos do curso em empresas públicas e privadas do setor como parte das iniciativas desenvolvidas em comum com o mercado do turismo.

Ademais, tem-se a atuação da Trilhas Empresa Júnior de turismo, o desenvolvimento pesquisas aplicadas em empresas da área, parcerias com órgãos do turismo para pesquisas de mercado, participação do curso no Conselho Estadual e Municipal de Turismo etc. Segundo o questionado 2, “nessas iniciativas acontece a interação entre academia e o mercado de trabalho, possibilitando aos alunos e professores conhecerem especificidades atuais do mercado, assim como os membros do mercado conhecerem o conhecimento produzido na Universidade, que ultrapassa a técnica e sua efemeridade temporal”. Para Correia, Salgado e Da Costa (2017), são esses tipos de ações desenvolvidas no âmbito de ensino superior que resultam em uma forma de dar a conhecer e de fomentar a aproximação e a colaboração entre os grupos empresariais e a IES.

No que se refere à percepção dos questionados com relação aos estágios, iniciou-se uma discussão sobre “qual o papel do estágio para a formação dos alunos?”. Para os questionados 2, 3 e 4, o estágio tem papel fundamental/essencial, pois proporciona uma vivência da realidade da empresa e da atividade turística e através dele o estagiário pode escolher e definir, enquanto futuro profissional do turismo, o seu futuro ocupacional. É ainda por meio do estágio que o estudante aprende as técnicas efêmeras adotadas em uma empresa privada ou instituição pública; testa e descobre o que gosta; desenvolve competências profissionais; forma redes iniciais de contatos; aplica conhecimentos teóricos adquiridos no curso; entre outros (questionados 1, 4 e 5).

Já em relação à extensão universitária, o questionado 2 avalia que, “como parte do tripé de formação superior (ensino, pesquisa e extensão), possibilita que a

Universidade ofereça à sociedade um retorno do conhecimento produzido, e ao mesmo tempo possibilite aos estudantes o aprendizado sobre a importância da inserção social para uma formação integral”. Segundo os questionados 1 e 3, a extensão universitária é uma forma de aplicar e adquirir conhecimentos tendo em vista que durante a realização das atividades o aluno tem um contato mais direto com a realidade e pode colocar em prática os conhecimentos aprendidos em sala de aula. Para estes questionados, as atividades de extensão também permitem a vivência de trabalhar em equipe, ter mais autonomia, responsabilidade, etc que permitem exercitar a cidadania dos universitários e dos demais envolvidos.

Para o questionado 4, o ideal é que a extensão universitária, no âmbito do turismo, permita reconhecer a sociedade e seus anseios sobre o papel do turismo neste meio, para desta maneira formar turismólogos mais humanos e conscientes da sociedade onde a atividade turística se desenvolve. Além disso, apesar de todos esses benefícios gerados pela extensão universitária na formação acadêmica e profissional, para os questionados 4 e 5 a prática extensionista na UFPR ainda é confundida com assistencialismo ou caridade, desvirtuando do foco e objetivo. Para estes respondentes, “a extensão poderia ser melhor explorada como experiência profissional, trazendo para a universidade práticas externas e levando mais possibilidades de transformação social às comunidades envolvidas”. Por este ângulo, Canon e Pelegrinelli (2019) abordam o impacto e a contribuição da extensão universitária para a formação profissional do acadêmico, sendo essa uma possibilidade de contextualizar a profissão e de interagir numa troca dialógica com a comunidade para a construção de novos conhecimentos nas Universidades.

Por fim, considerando todas as discussões geradas a partir das perguntas feitas aos docentes, os cinco questionados abordam o cenário de formação superior em turismo. Apesar da dificuldade em estabelecer um cenário ideal para graduação em turismo e da excelência do currículo do Curso de Turismo da UFPR — segundo os próprios respondentes —, os questionados apontam a necessidade de “um novo debate junto ao mercado de trabalho/setor público para repensar as competências necessárias para a formação, tendo em vista que o mundo anda muito veloz e existe o receio de que a universidade não consiga acompanhar na mesma velocidade” (questionados 3, 4 e 5).

Consoante a este pensamento, o questionado 4 aborda a inovação calcada na sustentabilidade neste cenário de formação superior atual, considerando que, "a formação como temos vivido não é adequada". Compactuando com esse pensamento, para Saraiva, Pugen e Chaves (2019), a prática pedagógica do corpo docente deve ser constantemente repensada em virtude das novas características comportamentais das novas gerações e das demandas do mundo do trabalho. Para o questionado 1, é necessário questionar se “queremos bacharéis em turismo que se restrinjam a replicar o mercado? ou que os futuros profissionais adquiram autonomia para reconstruir o mercado e estejam aptos a atuar em meio às grandes transformações?”.

Para os questionados, o cenário ideal seria uma formação que incentive a criatividade e o desenvolvimento de habilidades diversas com foco na sustentabilidade e que exercite a crítica e a análise entre os estudantes, evitando a formação meramente direcionada para atividades técnicas, tendo em vista o cenário de um mundo que enfrenta mudanças climáticas, tensões políticas, crises econômicas e ameaças à saúde da população — sendo que, segundo os docentes, tudo isso influencia no exercício da profissão do bacharel em turismo.

4.3 QUESTIONÁRIO COM REPRESENTANTES DAS ENTIDADES DE CLASSE DO TURISMO PRESENTES EM CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA

Como supracitado no item 3.2.1.1 deste estudo, o questionário com representantes das entidades de classe do turismo presentes em Curitiba e Região Metropolitana buscava tratar sobre a empregabilidade do mercado de trabalho de turismo e suas problemáticas (OE2) e o papel da extensão universitária e dos estágios na formação profissional dos bacharéis em turismo (OE3). Para isso, o instrumento de coleta de dado foi aplicado em forma de questionário, também devido a indisponibilidade dos questionados para participação em entrevistas, no período de 20 de julho a 13 de outubro de 2021, obtendo respostas escritas no Google Docs de três das quatro associações possíveis (ABAV, ABRASEL e ABIH)¹².

¹² Neste estudo os três respondentes não serão identificados, tendo seu nome substituído por questionado ABAV, questionado ABRASEL e questionado ABIH, independente do gênero.

Inicialmente buscou-se compreender um pouco do mercado de trabalho para os bacharéis em turismo nas áreas de agenciamento, alimentos e bebidas e meios de hospedagem. Nesta primeira questão, principalmente, observou-se uma dificuldade dos questionados para abordarem o conteúdo esperado, tendo em vista que o ideal era uma breve exposição das áreas de atuação, dos cargos ocupados, etc. Neste sentido, apenas o questionado da ABIH fez essa explanação, afirmando que “os bacharéis em Turismo atuam em diversos segmentos nos meios de hospedagem, estando geralmente nas áreas comerciais, de reservas, de eventos e recepção, etc onde buscam adquirir mais conhecimento sobre o segmento”. Para Silva, Holanda e Leal (2018), o mercado turístico não oferece apenas diversas opções para áreas de atuação e cargos, mas também é composto por um agregado de organizações.

O questionado da ABAV abordou muito mais o contexto vivenciado atualmente pelo agente de viagens, resultante da pandemia mundial do Coronavírus, afirmando que foi “um momento bastante crítico de fechamento das agências e das fronteiras, entretanto, por um outro lado, houve a valorização dos agentes mediante os problemas desta época devido aos cancelamentos e remarcações devido ao covid, tendo em vista que os agentes buscaram e buscam resolver da melhor forma os problemas apresentados durante uma viagem”. Ademais, o respondente ainda comentou sobre a competitividade do setor de agenciamento entre os agentes de viagens e os sites e-commerce como Trivago, 123 Milhas, etc.

Já o questionado da ABRASEL, ainda na pergunta 1, discorreu sobre o uso dos empreendimentos de alimentos e bebidas como meros atrativos turísticos no contexto do turismo. De acordo com o questionado, “os cursos para bacharel em turismo consideram os restaurantes como destino, mas poucos estabelecem um circuito de turismo gastronômico. Tem cidades como São Paulo, por exemplo, e aqui em Curitiba, que tem uma diversidade enorme de restaurantes, mas não há nenhum pacote por exemplo que contemple um tour pelos restaurantes da cidade, por tema, por tipo de comida, pela história, etc. Então se tem um grande espaço para se trabalhar”.

Na questão 2, quando questionados sobre quais as principais problemáticas do mercado de trabalho dessas áreas do turismo, os representantes das

associações pontuam diferentes adversidades. Para a área de agenciamento, segundo o questionado da ABAV, a problemática é a competitividade com as OTA's - Online Travel Agency (traduzido para o português significa Agência de Viagem Online) e empresas de compras direta, que estão ganhando o mercado de forma estratégica, sem fiscalização ou regulamentação, prejudicando o fluxo do agenciamento regular. Já segundo o questionado da ABRASEL, na área de alimentos e bebidas existem diversos problemas, sendo o principal deles "a falta de qualidade de mão de obra, pois as pessoas têm muita dificuldade de entender processos e métodos". Para o mercado de trabalho em hotéis e similares, um fator que afeta muito é a troca recorrente de profissionais, ou seja, a grande rotatividade de pessoal. Esses problemas apontados podem ser gerados devido ao fato de que, segundo Coelho e Sakowski (2014), apenas 7% dos ocupados formais do turismo no Brasil possuem nível superior, ou seja, grande parte do mercado é formada por profissionais de fora da área e com baixa escolaridade.

Neste cenário, para os questionados, o ideal é que os turismólogos possuam atenciosidade, disposição para atender demandas de solicitantes a qualquer momento, conhecimento do mercado para garantir a segurança do cliente, perfil comercial para a venda de pacotes de viagens e perfil administrativo para gestão deste deslocamento, responsabilidade, conhecimento e interesse. Estas competências estão intrinsecamente relacionadas a *soft skills*, ou seja, a atitudes e habilidades comportamentais pessoais não ensinadas em ambientes escolares (MARTINS, 2017). Além disso, como requisitos para se ter sucesso no setor de alimentos e bebidas e no setor de hospedagens, os questionados da ABRASEL e da ABIH sugerem a inovação, a versatilidade, a adaptabilidade e o comprometimento no atendimento ao cliente como imprescindíveis.

Entretanto, para o questionado da ABRASEL, a formação superior em turismo, quando diz respeito ao mercado de trabalho dos bares e restaurantes, ainda é falha, pois o turismo voltado para a gastronomia ainda é muito incipiente. Consoante a isso, o questionado ABAV acredita que é necessário que os alunos se mantenham informados, atualizados e que participem de feiras e eventos para adquirirem conhecimento e adentrarem no mercado de trabalho, tendo em vista que o mesmo acredita que as vivências trabalhistas são muito diferentes do

conhecimento acadêmico. As afirmações dos dois questionados vão de encontro a estudos realizados por pesquisadores do turismo como Tomazzoni (2007), que apontam um afastamento entre formadores e contratantes.

Com pensamento diferente a este, o questionado ABIH analisa com otimismo o fato das IES focarem no turismo de maneira ampla, voltada para o turismo em geral e não especificamente para o segmento de hospedagem. Para este respondente, isso proporciona ao estudante uma visão geral do todo, tendo em vista que o turismo possui muitas opções de atuação, cabendo ao aluno verificar aquela que mais lhe interessa ou adequa aos seus interesses futuros.

Neste sentido, para o questionado da ABAV, é justamente a partir deste envolvimento, ou seja, de interesse e busca do aluno pelo mercado, ainda quando estudante, que pode mudar e diminuir as diferenças existentes entre o mercado de trabalho do turismo e a academia. Segundo o mesmo, diversas empresas do setor do turismo contratam alunos como free lancers para ações eventuais e como estagiários. Consoante a esta afirmação, para o questionado da ABRASEL, a relação das IES com o mercado de trabalho do turismo se dá com os estudantes trabalhando ou fazendo estágios nestas instituições. De acordo com esse pensamento, Martins (2019) acredita que são essas atividades que possibilitam um futuro profissional e um plano de carreira ao aluno. Com uma boa relação, voltada a qualificar os estudantes e auxiliar a compreender o mercado, o aluno com interesse se envolve e muitas vezes sai da graduação com a vaga garantida (questionados ABAV e ABIH).

Desta maneira, buscou-se entender o papel do estágio nesse cenário e sua relação com a empregabilidade no setor do turismo. Segundo os questionados ABAV e ABIH, o estágio é primordial tanto para o mercado, quanto para a inclusão do universitário. Para o futuro profissional, permite que este conheça sua área de atuação, verifique o funcionamento daquele segmento e, caso venha a se identificar com os desafios propostos, busque as qualificações necessárias para tornar-se um bom profissional no ramo escolhido, tendo em vista que as chances de sucesso aumentarão. Já para o mercado de trabalho, permite a inclusão de novos talentos que poderão tornar-se futuros profissionais e a consequente inovação para a instituição.

Entretanto, na visão do questionado ABRASEL a empregabilidade não está direcionada ao mercado de turismo ou outros mercados, mas sim ao tipo de pessoa que é, tipo de índole, de caráter, etc, ou seja, a características relacionadas novamente a *soft skills*.

Com relação à extensão universitária e sua relação com a empregabilidade do setor do turismo, os questionados avaliam que, assim como o estágio, a extensão traz conhecimentos, experiências, vivências e descobertas para a formação acadêmica. Segundo o questionado da ABIH, é ainda a partir da extensão que se observa a interatividade entre academia e mercado e, “esta interação dá bons frutos, pois desde cedo possibilita ao aluno a análise e compreensão das variáveis do segmento, formando assim profissionais mais preparados e em sinergia com o mercado”. Desta forma, a extensão universitária permite ao discente a descoberta de um nicho de interesse, uma área de atuação específica, ou campo para pesquisa e ainda, novos produtos diferenciados para a comercialização (questionado ABAV).

Para terminar, os questionados avaliam que é necessário resiliência, força, interesse e envolvimento para atuação no mercado amplo e competitivo do turismo. Por fim, discorrem ainda sobre a necessidade de atualização na formação superior em turismo, visto as constantes mudanças e inovações no cenário das viagens.

5 PROJETO DE TURISMO

Com base nos resultados obtidos a partir da pesquisa bibliográfica e dos instrumentos de coleta de dados, reiterou-se, conforme o objetivo geral estabelecido, a proposta de criação de um Núcleo de Estágios e Extensão para o Curso de Turismo da UFPR que promove a capacitação profissional de discentes para o mercado de trabalho, a partir da divulgação de oportunidades profissionais e de estágio, e o desenvolvimento de habilidades e competências comportamentais a partir de qualificações e treinamentos estratégicos.

Isto pois, tanto os dados primários quanto secundários do estudo apresentam que esta dinâmica relacional entre as instituições de ensino superior e as empresas do setor do turismo pode facilitar a conexão do aluno com o mercado de trabalho, favorecendo as IES, bem como às empresas e os próprios discentes.

5.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO

O Núcleo de Estágios e Extensão do Curso de Turismo da UFPR - NEEXTUR é proposto como um programa de extensão que visa potencializar a empregabilidade de estudantes e egressos do turismo por meio de uma interligação entre a academia e o mercado de trabalho, construída a partir da divulgação de vagas de estágios e empregos efetivos, e de cursos e eventos de extensão.

Inicialmente o NEEXTUR adotará duas ações principais que deverão ser desenvolvidas em forma de projetos de extensão vinculados: o Centro de Empregabilidade (CEMPRE) e o Centro de Qualificação (CEQUAL).

O CEMPRE é o projeto de extensão responsável pela articulação entre os alunos e as vagas de estágio e emprego na área do turismo. Essa ação será desenvolvida essencialmente a partir de uma plataforma online por meio do qual o NEEXTUR irá cadastrar e divulgar oportunidades de estágio em empresas parceiras de Curitiba e Região Metropolitana.

A ideia é que as empresas do setor do turismo e as agências solicitem a divulgação de suas vagas no CEMPRE — como já ocorre atualmente a partir do e-mail da coordenação do Curso - CTUR. Adicionalmente, o NEEXTUR também

fará a divulgação de vagas encontradas em agências intermediadoras como CIEE, Educare, Central de Estágio da UFPR, etc. A divulgação da vaga¹³ será feita juntamente com o telefone de contato e/ou e-mail da empresa contratante, ou da agência intermediadora, para que os alunos interessados possam se candidatar diretamente com estes, tendo em vista que a contratação do estagiário não será feita pelo NEEEXTUR e sim pelas agências intermediadoras ou pela própria empresa.

Adicionalmente, o NEEEXTUR também propõe o CEQUAL, projeto de extensão vinculado que irá trabalhar a aproximação do estudante de turismo com o mercado de trabalho a partir de cursos e eventos de extensão ligados à capacitação desses acadêmicos, como palestras, workshops etc. Objetiva-se, desta forma, que os treinamentos colaborem para que os acadêmicos de turismo e demais envolvidos externos desenvolvam competências que são requeridas e valorizadas pelo mercado de trabalho, auxiliando-os a entrarem ou se reposicionarem neste meio.

Para isso, os treinamentos terão temas variados, oferecendo eventos que tratam desde habilidades comportamentais e de desenvolvimento pessoal — a exemplo de cursos de oratória, idiomas aplicados a atendimento ao turista, comunicação interpessoal, atendimento ao cliente, inovação e criatividade, etc —, até mesmo cursos de conhecimentos técnicos — como treinamentos de *softwares* de distribuição global de serviços turísticos (SABRE, AMADEUS etc), de *softwares* de gestão (Desbravador, Totvs Chef etc), sistemas de *back office* (WINTOUR, STUR etc), dentre outros.

Esses cursos podem ser realizados, por exemplo, pelas próprias empresas interessadas na contratação destes estudantes, por associações (ABAV, ABIH, ABRASEL, ABEOC etc) e por órgãos oficiais da área (Paraná Turismo, Instituto Municipal de Turismo de Curitiba, *Convention & Visitors Bureau* etc). Além disso, esses cursos também podem ser ministrados pelos docentes ativos do quadro permanente da UFPR, pelos discentes de graduação e pós-graduação sob orientação docente ou pelo servidor técnico-administrativo responsável pelo NEEEXTUR.

¹³ Além da divulgação no Centro da Empregabilidade, as vagas também serão publicadas nas redes sociais do NEEEXTUR, como o Instagram e Facebook, tendo em vista a amplitude e relevância dessas plataformas. Entretanto, as candidaturas serão feitas oficialmente apenas a partir do formulário disponibilizado no sistema do Centro de Empregabilidade.

QUADRO 7 - PROJETOS PROPOSTOS PELO PROGRAMA NEEEXTUR

	PROJETO	DESCRIÇÃO
1	Centro de Empregabilidade - CEMPRE	Projeto de Extensão vinculado ao NEEEXTUR responsável, principalmente, pelo sistema que conecta os alunos às oportunidades oferecidas pelas empresas do mercado. Por meio deste portal as empresas terão a oportunidade de divulgar suas vagas entre os alunos.
2	Centro de Qualificação - CEQUAL	Projeto de Extensão vinculado ao NEEEXTUR responsável, principalmente, pelo oferecimento de cursos livres voltados para a capacitação e qualificação dos participantes.

FONTE: A autora (2021).

Inicialmente, a ideia é o desenvolvimento desses dois projetos de extensão vinculados ao Programa de Extensão NEEEXTUR. Posteriormente, com os resultados progressivos do NEEEXTUR, é possível a inclusão e aplicação de mais atividades nos projetos, como os exemplos das ações listadas nos quadros 8 e 9, que também podem colaborar para a capacitação e orientação de todo o público alvo.

QUADRO 8 - AÇÕES POSSÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO FUTURO PELO PROJETO CEMPRE

	AÇÕES	DESCRIÇÃO
1	Orientação profissional e de carreira	Auxílio no desenvolvimento de carreira de alunos e de ex-alunos do Curso de Turismo da UFPR, seja na inserção, na recolocação ou na mudança de jornada profissional.
2	Documentação para estágio	Recebimento e encaminhamento de toda a documentação para estágio obrigatório e não obrigatório, disponibilizando para as empresas as documentações necessárias, quando é o caso, além da orientação especializada ao aluno.

FONTE: A autora (2021).

QUADRO 9 - AÇÕES POSSÍVEIS DE DESENVOLVIMENTO FUTURO PELO PROJETO CEQUAL

	AÇÕES	DESCRIÇÃO
1	Trainee por um dia	Imersão feita dentro de empresas do turismo a partir da vivência, com atividades práticas da rotina de trabalho de um trainee, aproximando os acadêmicos ou recentes egressos dos mesmos desafios do dia a dia corporativo, mas durante tempo limitado.

FONTE: A autora (2021).

Inicialmente parte do Programa NEEEXTUR será direcionado exclusivamente

a comunidade interna da UFPR, por meio do CEMPRE, que divulgará vagas de estágio e emprego efetivo para acadêmicos do Curso de Turismo da UFPR. A outra parte será acessível ao público geral, a partir do CEQUAL, que promoverá cursos e eventos de extensão tanto para a comunidade interna quanto externa à UFPR, envolvendo egressos, trabalhadores do turismo e empresas do setor — desta forma o NEEEXTUR cumprirá seu papel extensionista, tornando democrático o acesso e o diálogo entre comunidade e universidade.

Posteriormente, com a ampliação das ações do Projeto Centro de Empregabilidade e do Projeto Centro de Qualificação, a documentação para estágio continuaria sendo uma ação exclusiva para internos do Curso de Turismo da UFPR, mas a ação de trainee por um dia e de orientação profissional e de carreira poderiam atender toda a comunidade, como os egressos e trabalhadores do turismo no geral. Além disso, estas ações demandariam novos agentes envolvidos e possíveis integrantes futuros do público alvo de parcerias, como parceiros do Curso de Psicologia e de Administração da UFPR e da Superintendência de Parcerias e Inovação da UFPR.

Estas ações também visam o corpo docente do próprio Curso de Turismo como público alvo, considerando que facilitarão, para estes profissionais, o entendimento das demandas atuais da formação. Ademais, como o NEEEXTUR também envolve as entidades de classe do turismo e as empresas do setor como possíveis parceiros, estas também são impactadas, uma vez que colaboradores capacitados para atuação poderão trazer resultados positivos para o mercado de trabalho do turismo.

Por fim, idealiza-se que o NEEEXTUR seja um projeto piloto para a UFPR, para demais instituições de ensino superior e demais cursos de turismo e afins no cenário nacional, podendo, posteriormente, ser implementado em outros ambientes acadêmicos, como o Curso de Gestão de Turismo da UFPR.

5.2 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

Para o planejamento e execução do NEEEXTUR serão necessárias diversas etapas, descritas juntamente com o cronograma no tópico abaixo, além dos recursos

humanos necessários, do orçamento e do retorno de investimento previsto.

5.2.1 Descrição das Etapas para a Execução do Projeto

Inicialmente, na primeira etapa, será necessária a elaboração completa do conteúdo do Programa NEEEXTUR e das ações integradas e articuladas do ponto de vista acadêmico e social, que atendam aos princípios extensionistas, tendo em vista que é um programa de extensão universitária. Posteriormente, na segunda etapa de desenvolvimento, o Programa deve passar por uma análise de mérito por parte do Departamento de Turismo - DETUR, conforme as definições internas, considerando todas as implicações éticas, políticas, financeiras e legais.

Seguindo os trâmites de implementação de um Programa de Extensão na UFPR, caberá ao Comitê Assessor de Extensão - CAEX a responsabilidade pela análise detalhada da proposta, recomendando adequações. Também cabe ao CAEX a análise de conteúdo da proposta e do cumprimento das exigências formais normativas da Extensão, que atendam às políticas extensionistas tal como definidas no âmbito da UFPR e do FORPROEX. Assim que o CAEX aprovar o Programa, para fins de sua institucionalização, o NEEEXTUR deverá ser registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), em seu Sistema de Gestão Acadêmica (SIGA).

Em seguida entra-se na terceira etapa, momento em que será necessário a contratação de um servidor técnico-administrativo para assumir a coordenação do NEEEXTUR, com a orientação inicial da autora. Este processo pode ser feito por meio de um processo de remanejamento de um funcionário que atua em outro setor da Universidade, não sendo necessário a abertura de um concurso público. Também é importante que o Programa submeta-se à habilitação de bolsas de extensão e voluntariado, a partir de uma chamada interna da UFPR, realizada anualmente.

Ainda nesta terceira etapa, será feita, com apoio/recurso do DETUR, a aquisição de materiais que possibilitem a estruturação física do Programa, e que, neste caso, deve ser feita por um processo de licitação e posterior pregão. Além disso, faz-se necessário a criação das redes sociais e do site institucional do projeto, facilitando o alcance do público alvo (acadêmicos e comunidade externa à UFPR) e de parceiros (empresas e entidades do turismo).

Na quarta etapa de desenvolvimento do NEEEXTUR, o coordenador do projeto e seus bolsistas e voluntários devem fazer o levantamento de possíveis parceiros para o Programa, como empresas de meios de hospedagem, de alimentos e bebidas, de agenciamento, de meios de transporte etc, assim como de órgãos estaduais e municipais do turismo e de associações e entidades de classe da área. Após o levantamento destes possíveis parceiros, realizam-se as negociações e o estabelecimento das parcerias. A partir disso o Programa entra na quinta etapa, caracterizada pela implementação, a partir da realização das ações idealizadas inicialmente.

Objetiva-se que gradativamente, a partir destas etapas, o NEEEXTUR ainda passe por diversas outras fases voltadas para a ampliação do programa, tanto da complexidade de ações e metodologias quanto dos níveis de atuação e da relação institucional. Da mesma forma, espera-se também que se amplie a constituição de novas frentes de atuação que articulem outras áreas de conhecimento.

QUADRO 10 - CRONOGRAMA DE ETAPAS PARA A ESTRUTURAÇÃO DO NEEEXTUR

ETAPAS	MESES											
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Etapa 1 - Elaboração do Conteúdo	X											
Etapa 2 - Tramitação do Programa de Extensão		X	X	X								
Etapa 3 - Estruturação Física e Humana do Programa				X	X							
Etapa 4 - Busca de Parceiros*					X	X	X	X	X	X	X	X
Etapa 5 - Efetivação de Parcerias*						X	X	X	X	X	X	X
Etapa 6 - Expansão do Programa, Inclusão de Novas Ações*									X	X	X	X

FONTE: A autora (2021).

NOTA: As etapas marcadas com (*) serão ações permanentes após a implementação do programa.

Desta maneira, tendo em vista todas as etapas a serem realizadas e concluídas, além de diversas outras questões que podem surgir durante o

desenvolvimento do Programa NEEXTUR, idealiza-se que a partir de 8 meses do início de implementação o Programa estará em operação, entretanto, apenas a partir de 12 meses o funcionamento será completo.

5.2.2 Descrição dos Recursos Humanos Envolvidos em Cada Etapa

Propõe-se que o desenvolvimento do NEEXTUR seja de responsabilidade da Coordenação do Curso de Turismo da UFPR - CTUR em parceria com o Setor de Ciências Humanas da Universidade - SCH, e com o uso das instalações físicas do Departamento do Curso de Turismo - DETUR, localizado no Campus Rebouças.

Para o planejamento e gestão inicial do NEEXTUR, o ideal é que, ao menos nos seis primeiros meses de desenvolvimento, o Programa fique sob orientação da autora, tendo em vista que esta possui todo o conhecimento sobre o mesmo. Durante este período de estruturação preliminar a autora deve cumprir com todos os procedimentos iniciais de implementação do NEEXTUR, como elaboração do conteúdo, defesa do Programa para o Departamento de Turismo - DETUR e para o Comitê Assessor de Extensão - CAEX, e institucionalização junto a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) — em concordância com o que foi descrito no item 5.2.1 deste trabalho. É necessário também providenciar a solicitação de estruturação física do Programa, e iniciar as buscas e negociações por parceiros para o NEEXTUR.

Posteriormente, após a autora cumprir suas atribuições, o conhecimento e a gestão do Programa serão completamente repassados ao coordenador do NEEXTUR e seus dois bolsistas auxiliares, responsáveis pelo desenvolvimento das ações propostas em cada Projeto vinculado (CEMPRE e CEQUAL) — conforme descrito no quadro 11.

Inicialmente o Programa terá uma equipe reduzida de apenas três integrantes: coordenador e dois bolsistas. Todavia, com o crescimento gradual do NEEXTUR, o número de colaboradores também será ampliado, podendo contar com acadêmicos bolsistas e voluntários do Curso de Turismo, de Psicologia, de Administração e de outros, e docentes do Curso de Turismo ocupando o cargo de vice-coordenadores.

QUADRO 11 - ATRIBUIÇÕES E RESPONSABILIDADES DE CADA COLABORADOR

INICIATIVA	ATIVIDADE ATRIBUÍDA	RESPONSÁVEL
Programa NEEXTUR	Estruturação inicial do Programa	Autora
	Manutenção do Programa	Bolsista 1 e 2 e coordenador
Centro de Empregabilidade - CEMPRE	Orientação	Coordenador
	Busca de parceiros	Bolsista 1 e coordenador
	Reuniões para estabelecimento de parcerias	Bolsista 1 e coordenador
	Divulgação das vagas no Portal	Bolsista 1
	Alimentação das redes sociais do Projeto	Bolsista 1
Centro de Qualificação - CEQUAL	Orientação	Coordenador
	Levantamento de temas pertinentes para cursos e eventos	Bolsista 2
	Busca por parceiros	Bolsista 2 e coordenador
	Busca por ministrantes	Bolsista 2 e coordenador
	Divulgação dos cursos e eventos	Bolsista 2
	Alimentação das redes sociais do Projeto	Bolsista 2

FONTE: A autora (2021).

5.2.3 Descrição do Orçamento e dos Desembolsos por Etapa

Para o desenvolvimento do Núcleo de Estágio e Extensão do Curso de Turismo da UFPR - NEEXTUR serão necessários gastos iniciais para aquisição de recursos físicos, como todo o mobiliário que irá contribuir para o melhor funcionamento do Programa e para o alcance de seus objetivos e resultados.

Os equipamentos citados deverão ser adquiridos por meio de um processo de pregão, considerando que o Programa de Extensão proposto será vinculado à uma universidade pública, a UFPR. Além dos gastos com recursos físicos listados, o NEEXTUR não terá demais desembolsos, como aluguel de espaço físico, internet, rede telefônica, luz, água etc, tendo em vista que serão disponibilizados pela UFPR.

QUADRO 12 - GASTOS COM RECURSOS FÍSICOS PARA CRIAÇÃO E MANUTENÇÃO DO PROGRAMA NEEXTUR

RECURSOS	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO ¹⁴	VALOR TOTAL
Computadores	3	R\$ 5.830,00	R\$ 17.490,00
Impressora	1	R\$ 2.190,00	R\$ 2.190,00
Projektor Multimídia	1	R\$ 4.497,00	R\$ 4.497,00
Mesas	3	R\$ 310,00	R\$ 930,00
Mesa de Reunião	1	R\$ 991,00	R\$ 991,00
Cadeiras	9	R\$ 332,60	R\$ 2.993,40
Armário	2	R\$ 638,00	R\$ 1.276,00
Quadro Branco	1	R\$ 399,00	R\$ 399,00
Quadro de Avisos	1	R\$ 254,00	R\$ 254,00
Aparelho Telefônico	1	R\$ 102,00	R\$ 102,00
TOTAL:			R\$ 31.122,40

FONTE: A autora (2021).

Também serão necessários desembolsos mensais e constantes para pagamento do salário do coordenador do Programa e das bolsas de extensão dos alunos participantes — conforme listado no quadro 13 abaixo.

QUADRO 13 - GASTOS MENSAIS COM RECURSOS HUMANOS PARA CRIAÇÃO E MANUTENÇÃO DO PROGRAMA NEEXTUR

GASTOS	QUANT.	VALOR
Consultoria da Autora*	1	R\$ 1.200,00 ¹⁵
Salário do Técnico Administrativo (coordenador)	1	R\$ 2.446,96 ¹⁶
Bolsa de Extensão dos alunos participantes	2	R\$ 800,00
TOTAL:		R\$ 3.246,96

FONTE: A autora (2021)

*NOTA: Serviço cotado mas não contabilizado, tendo em vista que se trata de uma contribuição da autora para o Curso de Turismo da UFPR.

¹⁴ Todos os valores foram retirados de processos de pregões feitos pela UFPR. Disponíveis em: <https://pra.ufpr.br/licitacoes/central-de-compras-cecom/pregoes-vigentes/>. Acesso em 19 nov. 2021.

¹⁵ Valor R\$ 30/hora de consultoria, trabalhando 2h por dia, 10h por semana e 4 semanas no mês.

¹⁶ Salário baseado nos valores do Edital nº 369/2018 da Pró Reitoria de Gestão de Pessoas da UFPR. Disponível em: http://www.progepe.ufpr.br/progepe/concursos/tecnico/2018_progepe_02/edital369-18.pdf. Acesso em: 19 nov. 2021.

Todos esses desembolsos serão custeados pela UFPR a partir do Departamento do Curso de Turismo, tendo em vista que, como o Programa de Extensão NEEEXTUR é para a coordenação do curso - CTUR, os custos de criação e manutenção devem ser incorporados pela Universidade.

5.2.4. Avaliação do Retorno do Investimento

Como o NEEEXTUR é uma iniciativa de cunho socialmente transformador, há uma dificuldade de mensurar o retorno financeiro do Programa. Neste caso, deve-se avaliar o retorno social que o Programa irá gerar para o ensino superior em turismo e para outros cursos da Universidade Federal do Paraná, para os acadêmicos, egressos e trabalhadores do turismo no geral, e para o mercado do turismo.

O desenvolvimento de todo o Programa está diretamente em conformidade com os cinco princípios que norteiam a extensão universitária, estabelecidos por meio do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras - FORPROEX em 1987, e por isto, teria como retorno, principalmente, o alcance desses fatores conforme listados no quadro 14.

Estes efeitos gerados pelas ações desenvolvidas pelo NEEEXTUR e seus projetos vinculados também causam impactos em todo o mercado do turismo, mesmo que de forma indireta, como a promoção da melhora do atendimento ao turista, o crescimento da satisfação e fidelização do cliente, o aumento da busca pelo serviço e o desenvolvimento adequado da atividade turística.

Desta maneira, o principal retorno do Programa NEEEXTUR e dos Projetos vinculados, Centro de Empregabilidade e Centro de Qualificação, é a promoção da integração entre os alunos, a instituição de ensino superior, as empresas do setor do turismo e a comunidade externa à Universidade.

QUADRO 14 - RESULTADOS A SEREM ALCANÇADOS PELO NEEEXTUR A PARTIR DOS PRINCÍPIOS DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

PRINCÍPIO	VISÃO	RESULTADOS
1) Impacto e transformação social	Estabelecer inter-relação entre a UFPR, sua comunidade e os demais segmentos da sociedade, contribuindo para a formação acadêmica, os interesses e necessidades sociais.	<ul style="list-style-type: none"> - Aproximação do setor acadêmico e empresarial. - Atualização dos currículos dos discentes com as novas tendências sociais e de mercado do turismo; - Promoção da formação alinhada academia e mercado - Capacitação de colaboradores que atuarão nas empresas do setor.
2) Interação dialógica	Estabelecer e desenvolver a relação entre a UFPR, sua comunidade e os demais segmentos da sociedade por meio do diálogo e da troca de saberes.	<ul style="list-style-type: none"> - Interligação entre teoria e prática do ensino. - Oportunização do enriquecimento de competências.
3) Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade ou ainda a multiprofissionalidade	Estabelecer inter-relação, bem como a construção de alianças intersetoriais, interorganizacionais e interprofissionais, para o atendimento às demandas formativas e sociais.	<ul style="list-style-type: none"> - Oportunização da conquista de vagas de estágio/emprego; - Facilitação da entrada e da manutenção na área de estudo; - Possibilitação de reintrodução ou reposicionamento no mercado de trabalho do turismo; - Aproximação do setor acadêmico e empresarial.
4) Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão	Vínculo da extensão universitária ao processo de formação de pessoas e de geração de conhecimento.	<ul style="list-style-type: none"> - Capacitação profissional e pessoal; - Complementação da formação superior em turismo (para aqueles que a possuem); - Ligação com o ensino, a pesquisa e a extensão produzidos pela Universidade; - Colaboração com as novas determinações sobre a creditação da extensão nos currículos de cursos superiores.
5) Impacto na formação das e dos estudantes	Fortalecer a experiência discente em termos teóricos, metodológicos e de cidadania.	<ul style="list-style-type: none"> - Consolidação da identidade com a profissão; - Maior envolvimento acadêmico dos alunos; - Interligação entre teoria e prática do ensino.

FONTE: A autora (2021).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo propor a criação de um Núcleo de Estágio e Extensão para o Curso de Turismo da Universidade Federal do Paraná - UFPR, nomeado como NEEEXTUR. Desenvolvido na forma de um programa de extensão com dois projetos de extensão vinculados (Centro de Empregabilidade - CEMPRE e Centro de Qualificação - CEQUAL), o NEEEXTUR visa potencializar a empregabilidade de estudantes e egressos do turismo por meio de uma interligação entre a academia e o mercado de trabalho, construída a partir da divulgação de vagas de estágios e empregos efetivos, e de cursos e eventos de extensão.

Para isso, estabeleceu-se três objetivos específicos para o estudo: 1) Descrever o desenvolvimento dos cursos superiores em turismo no Brasil de 1970 a 2020; 2) Compreender a empregabilidade do mercado de trabalho de turismo e suas problemáticas; e 3) Entender o papel da extensão universitária e dos estágios na formação profissional dos bacharéis em turismo. O primeiro objetivo específico foi atingido por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, enquanto os outros dois objetivos específicos contaram também com pesquisas de campo, aplicadas em forma de questionário com alunos e docentes do Curso de Turismo da UFPR, e representantes das entidades de classe do turismo presentes em Curitiba e Região Metropolitana.

A descrição do desenvolvimento dos cursos superiores em turismo no Brasil mostrou que o excessivo e desalinhado crescimento de cursos de turismo a partir da década de 1990 gerou inúmeras distorções entre a formação superior fornecida pelas instituições de ensino e a demanda do mercado de trabalho do turismo, afetando, conseqüentemente, os estudantes e egressos da área. Neste cenário, práticas multiprofissionais, como extensão universitária e estágios, surgem como um conjunto de competências que podem potencializar a empregabilidade dos discentes, permitindo que construam suas carreiras através da aprendizagem contínua e da experiência profissional.

Foi possível observar durante a coleta e a análise de dados de campo que a formação superior em turismo não garante o acesso ao mercado de trabalho porque existe um significativo desalinhamento entre os dois — aspecto apontado na

literatura a respeito do tema. Tanto na visão das empresas do setor do turismo, quanto dos alunos e docentes, há uma lacuna na integração entre mercado e formação, que dificulta o atingimento de múltiplos interesses. Outro aspecto interessante observado durante a análise dos dados é que, desta dicotomia academia x mercado, percebe-se uma grande falha de comunicação, sendo que os docentes acreditam que somente aspectos técnicos são valorizados pelo mercado, enquanto o setor privado também demonstra interesse em características de *soft skills*. Todavia, independente dessas diferenças, todos concordam que o estágio e a extensão universitária influenciam na empregabilidade dos estudantes e egressos do turismo, pois estão intimamente ligados ao desenvolvimento profissional e pessoal dos acadêmicos da área. Verificou-se também que essas atividades são diferenciais no mercado de trabalho atual, pois proporcionam experiência profissional, enriquecimento de competências, consolidação da identidade com a profissão, e a aproximação do setor acadêmico e empresarial.

Neste sentido, a criação e a implementação das ações propostas pelo NEEEXTUR irão direcionar a comunidade acadêmica da instituição ao mundo do trabalho e da cidadania, possibilitando maior inserção desses formandos e a diminuição da migração ou evasão para outras áreas, através de ações que visem obter vagas de estágio e emprego. Além disso, irão fornecer uma formação continuada e permanente para os mesmos e para egressos e trabalhadores do turismo no geral.

Conclui-se, portanto, que o desenvolvimento deste estudo possibilitou compreender de que maneira a empregabilidade dos estudantes e egressos de turismo pode ser trabalhada a partir da extensão universitária e dos estágios. Entretanto, é necessário considerarmos que o ensino superior em turismo é composto por diversos cursos, inclusive os técnicos, com especificidades e distinções em relação aos demais cursos de bacharelado em turismo, sendo que alguns não possuem estágios e tampouco extensão universitária. Desta forma, o ideal é que, nestes casos, outras maneiras de desenvolver a empregabilidade dos egressos e estudantes sejam buscadas.

Dada à importância do assunto, idealiza-se que a partir das conclusões geradas a partir desta pesquisa, novos debates acerca do tema sejam feitos.

Também é necessário discutir-se sobre a necessidade de atualizações nas diretrizes, grades curriculares e projetos pedagógicos dos cursos superiores em turismo, buscando resolver o problema da empregabilidade dos estudantes e egressos do turismo diretamente na causa do problema, e não somente na consequência. Porém, deve-se manter as áreas de conhecimentos necessários para formação de graduandos capacitados e aptos para compreender as questões científicas, técnicas, sociais, econômicas e culturais, relacionadas com o mercado turístico, sua expansão e seu gerenciamento.

Sugere-se também a realização de pesquisas futuras que abordem especificamente a extensão universitária no cenário da formação superior em turismo, tendo em vista a escassez de publicações sobre o tema. Além disso, é necessário estudar e identificar de maneira mais profunda as principais motivações de evasão do bacharel em turismo do mercado de trabalho em turismo, para que desta forma sejam adotadas medidas de resolução do problema.

REFERÊNCIAS

- ABBTUR. **ABBTUR luta pelo Turismólogo no Código Brasileiro de Ocupações - CBO**. 2013. Disponível em: http://www.abbtur.com.br/abbtur/public_view.asp?tip=1&cod=49. Acesso em: 25 maio 2021.
- AGÊNCIA BRASIL. **Dia do Turismo**: setor emprega mais de 6 milhões de pessoas no país. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-09/dia-do-turismo-setor-emprega-mais-de-6-milhoes-de-pessoas-no-pais>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- ALBUQUERQUE, F. A. M.; QUILLICI NETO, A.. Ensino superior em turismo: perspectivas e desafios. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 1, n. 21/22, p. 231-239, 2014.
- ALVES, M. G.. Ensino Superior e inserção profissional—uma análise comparativa de percursos de licenciados. Configurações. **Revista Ciências Sociais**, n. 7, p. 47-64, 2010.
- ANSARAH, M. G. R.. **Formação e capacitação do profissional em turismo e hotelaria**: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil. São Paulo: Aleph, 2002.
- ARANHA, K. C.; ROCHA, F. D. C. Reflexões acerca do ensino no curso superior de turismo: realidade, desafios e tendências. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 4, n. 2, p. 67-76, 2014.
- BARDAGI, M. P.; HUTZ, C. S.. "Não havia outra saída": percepções de alunos evadidos sobre o abandono do curso superior. **Psico-USF**, v. 14, p. 95-105, 2009.
- BARRETTO, M. et al.. **Discutindo o ensino universitário de Turismo**. 1. ed. São Paulo: Papyrus, 2004.
- BARROS, M. F.; LIMONGI-FRANÇA, A. C.. Estagiário de Administração nas Organizações Brasileiras: um estudo comparativo entre a visão do aluno e das empresas. In: Seminários da Administração, 7, 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2014.
- BENI, M. **Política e planejamento de turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.
- BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1o de maio de 1943, e a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nos 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6o da Medida Provisória no 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/

l11788.htm. Acesso em: 22 jun. 2021.

_____. Embratur. Missão. Disponível em: <https://embratur.com.br/missao/>. Acesso em: 22 jun. 2021.

_____. Ministério da Educação. **Relatório síntese de área turismo: ENADE 2018. 2018.** Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2018/Turismo.pdf. Acesso em: 28 jun. 2021.

_____. Ministério do Turismo. Órgãos. [201?]. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/orgaos/ministerio-do-turismo>. Acesso em: 25 jun. 2021.

_____. **Resolução nº 13, de 24 de novembro de 2006.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo e dá outras providências. Brasília: DF, 2006.

_____. **Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018.** Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Brasília: DF, 2018.

_____. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enade>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRINKHUS, N.. Análise da influência da nova lei dos estágios, em relação à atual prática, na experiência profissional dos estagiários da Unisinos. 165 f. Monografia de graduação (ADMINISTRAÇÃO HAB. ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS) - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS, São Leopoldo, 2008.

CANON, C. A. S.; PELEGRINELLI, G.. Extensão universitária: o impacto de um projeto de extensão na formação profissional dos discentes na educação superior. **Revista UFG**, v. 19, 2019.

CELESTE FILHO, M.. A institucionalização do turismo como curso universitário: décadas de 1960 e 1970. **Revista Iberoamericana de Turismo**, vol. 2, n. 2, p. 4-22, jul./dez. 2012.

CISNE, R.; GASTAL, S.. Turismo e sua história: discutindo periodizações. In: Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, 7, 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: UCS, 2010. p. 1-11.

CLARKE, M.. Rethinking graduate employability: The role of capital, individual attributes and context. **Studies in higher education**, v. 43, n. 11, p. 1923-1937, 2018.

COELHO, M. H. P.; SAKOWSKI, P. A. M.. Perfil da mão de obra do turismo no Brasil nas atividades características do turismo e em ocupações. Texto para Discussão, No. 1938, **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)**, Brasília, 2014.

CORREIA, L. M. M.; SALGADO, M. A. B.; DA COSTA, C. M. M.. Ensino superior em Hotelaria: Estágio curricular em licenciatura. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, v. 27, n. 28, p. 1785-1795, 2017.

CUSTÓDIO, T. V.; CARRÃO, A. M. R.. Os impactos do estágio na formação do administrador. In: Seminário Franco Brasileiro de Pesquisa, 2012, Piracicaba. **Anais...** Piracicaba, 2012.

E-MEC. **O que é**. Disponível em: https://emec.mec.gov.br/modulos/visao_comum/php/login/comum_login.php?691ba69561e311dd66adaae89947c631=YWJhX21hbnRpZGE=. Acesso em: 22 jun. 2021.

EURICO, S.; SILVA, J. A.; VALLE, P. A satisfação dos licenciados em Turismo: os novos desafios para as instituições de ensino superior e para o setor do Turismo. **Tourism & Management Studies**, v. 9, n. 2, p. 29-36, 2013.

EURICO, S.. **Ensino Superior em Turismo: satisfação e empregabilidade**. 2011. 335 f. Tese (Doutorado em Turismo) – Faculdade de Economia, Universidade do Algarve, Portugal, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61507296.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.

EXAME. Crise fecha 50 mil empresas do setor de turismo no país. 2020. Disponível em: <https://exame.com/economia/crise-fecha-50-mil-empresas-do-setor-de-turismo-no-pais-diz-estudo/>. Acesso em: 21 jun. 2021.

FONSECA, M. **Políticas para o ensino superior em turismo**: um estudo sobre um curso de graduação em Belo Horizonte. 2005. 265 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=cat06909a&AN=sib.304089&lang=pt-br&site=eds-live>. Acesso em: 11 jun. 2021.

FORPROEX. Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. In: I Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 1987, Brasília. **Anais...** Brasília, 2012.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KONG, A. P.. The dilemma facing higher education and industry in tourism and hospitality. **SpringerPlus**, v. 4, n. 2, p. 1-2, 2015.

KNIGHT, P. T. Employability and quality. **Quality in Higher Education**, v. 7, n. 2, p. 93-95, 2001.

LARA, L F. O ensino da administração nos cursos de turismo no Brasil e a formação do turismólogo. **Turismo: Visão e Ação**, v.12, n.3, p. 277-298, set.-dez. 2010.

LICKORISH, L. J.; JENKINS, C. L. **Introdução ao turismo**. 3. ed. São Paulo: Campus, 2000.

LIMA, C. A. N.; ISAYAMA, H. F.. Formação e atuação profissional: egressos do curso de Lazer e Turismo–USP. **Podium Sport, Leisure and Tourism Review**, v. 9, n. 3, p. 337-369, 2020.

MACHADO, F. A.. Atuação profissional dos egressos dos cursos de turismo: estudo de caso em uma instituição de ensino superior de Belo Horizonte. In: **Competência profissional no turismo e compromisso social**. Coletânea do XXVI CBTUR, Congresso Brasileiro de Turismo. 2006.

MALERBA, R. C.; LANDI, C. de M.; REJOWSKI, M.. Extensão universitária em turismo no Brasil: mapeamento preliminar. In: Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 8., Balneário Camboriú, SC. **Anais...** Balneário Camboriú, SC: Anptur, 2011.

MALSCHITZKY, N.. **Empregabilidade**: um modelo para a instituição de ensino superior orientar e encaminhar a carreira profissional dos acadêmicos. 2004. 177 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Setor Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC), 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/86703>. Acesso em: 19 jun. 2021.

MANCHUR, J.; SURIANI, A. L. A.; DA CUNHA, M. C.. A contribuição de projetos de extensão na formação profissional de graduandos de licenciaturas. **Revista Conexão UEPG**, v. 9, n. 2, p. 334-341, 2013.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M.. **Metodologia do trabalho científico**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1992. p.43-44.

_____. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, B. L.. A qualidade das experiências adquiridas com a prática de estágios no Curso de Turismo da UFPR. 2019. 77 f. Monografia de graduação (Turismo) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

MARTINS, J. C. C.. **Soft Skills**: conheça as ferramentas para você adquirir, consolidar e compartilhar conhecimentos. 1. ed. Rio de Janeiro: Brasport, 2017.

MATIAS, M. **Turismo**: formação e profissionalização. São Paulo: Manole, 2002.

MOTA, K. M. **Formação Superior em Turismo na Unifor/CE**: Proposta, realidade e reflexo. 2007. 86 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Programa de

Pós-Graduação em Turismo, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul (RS), 2007. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/handle/11338/266>. Acesso em: 05 jun. 2021.

MÜLLER, D. et al. O Despertar do Turismo no Brasil: a década de 1970. **Tourism & Management Studies**, n. 1, p. 692-700, 2011.

NAKATANI, M. S. M.. **O problema da empregabilidade do turismo no Brasil**. 2020, no prelo.

NAKATANI, M.S.M.; VALLE, N. M. ; MEDAGLIA, J.. Empregabilidade no contexto da transformação do conhecimento: as visões da academia e do mercado de trabalho. In: XVI Seminário da ANPTUR 2019, Curitiba - PR. **Anais...**, 2019.

NORO, G. B.; ABBADE, E. B.; DIEFENTHÄLER, G. Desenvolvendo a Empregabilidade no Âmbito Acadêmico. In: VIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2011, Resende - RJ. **Anais...** 2011.

PANROTAS. **Turismo representa um a cada cinco novos empregos no mundo**. 2021. Disponível em: https://www.panrotas.com.br/mercado/pesquisas-e-estatisticas/2019/09/turismo-representa-um-a-cada-cinco-novos-empregos-no-mundo_168041.html. Acesso em: 15 jun. 2021.

PIMENTEL, T. D.; DE PAULA, S. C.. A inserção profissional no mercado de trabalho face às habilidades adquiridas na formação superior em turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 2, n. 1, p. 49-73, jan.-jun. 2014.

PROEC. Pró Reitoria de Extensão e Cultura, c2017. Disponível em: http://www.proec.ufpr.br/links/extensao/modalidades_extensao.html. Acesso em: 14 jul 2021.

REJOWSKI, M.. **Turismo no percurso do tempo**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2002. 176 p.

ROCHA, S. A.; NOVAES, C. A.. A problemática do turismo, academia e empregabilidade do profissional no mercado: um ensaio. **Gestión Turística**, n. 8, p. 61-73, 2007.

ROCHA, S.; PICCININI, C. Uma análise sobre a inserção profissional de estudantes de Administração no Brasil. **Revista Administração Mackenzie**, v. 13, n. 2, p. 44-75, 2012.

RUSCHMANN, D.. **Turismo no Brasil: Análise e Tendências**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2002.

SARAIVA, A. L. O.; PUGEN, B.; CHAVES, V. S.. LABORATÓRIO DE TURISMO & HOSPITALIDADE: aprimorando competências em ensino, pesquisa e extensão. **Applied Tourism**, v. 4, n. 2, p. 11-18, 2019.

SILVA, L. A.; DE HOLANDA, L. A.; LEAL, S. R.. Inserção dos Turismólogos Brasileiros no Mercado de Trabalho. **Revista Turismo Em Análise**, v. 29, n. 3, p. 506-524, 2018.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J.; GÂNDARA, J. M. G.. Quatro décadas de ensino superior de turismo no brasil: dificuldades na formação e consolidação do mercado de trabalho e a ascensão de uma área de estudo como efeito colateral. **Turismo: Visão e Ação**, v. 14, n. 1, p. 6-18, 2012.

SILVEIRA, C. E.; MEDAGLIA, J.; NAKATANI, M. S. M.. O mercado de trabalho dos egressos de cursos superiores em turismo: comparações dos dados de 2012-2018. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 14, n. 2, p. 83-94, 2020.

SOGAYAR, R. L.; REJOWSKI, M.. Ensino superior em turismo em busca de novos paradigmas educacionais: problemas, desafios e forças de pressão. **Turismo-Visão e Ação**, v. 13, n. 3, p. 282-298, 2011.

TOMAZONI, E. L.. Educação profissional em turismo: cria-se mercado pela formação?. **Revista Turismo em Análise**, v. 18, n. 2, p. 197-219, 2007.

TRENTIN, F.; FRATUCCI, A. C.. Política Nacional de Turismo no Brasil: da municipalização à regionalização. **Tourism & Management Studies**, v. 1, p. 839-848, 2011.

TYMON, A.. The student perspective on employability. **Studies in higher education**, v. 38, n. 6, p. 841-856, 2013.

UNOESTE. Universidade do Oeste Paulista. Estágios na universidade impulsionam a carreira de egressos. 2021. Disponível em: <https://www.unoeste.br/noticias/2021/3/estagios-na-universidade-impulsionam-carreira-de-egressos>. Acesso em: 28 jun. 2021.

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO PARA REPRESENTANTES DAS ENTIDADES DE CLASSE DO TURISMO PRESENTES EM CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA

Apresentação do trabalho

“Com este trabalho eu pretendo traçar algumas considerações acerca da formação superior em turismo, da empregabilidade na área e da relação mercado-academia. Além disso, eu também busco discutir a importância de uma formação alinhada ao mercado atual e a relevância da extensão universitária e do estágio para atingir tal objetivo. Por isso a importância de abordar a formação proporcionada nos cursos superiores de turismo e o porquê desse questionário”.

Perguntas

2. Você pode falar um pouco do mercado de trabalho para os bacharéis em turismo na sua área?

3. Quais as principais problemáticas do mercado de trabalho na sua área?

4. Como você analisa a formação superior em turismo para atuação nesse mercado de trabalho?

5. Como você analisa a relação academia x mercado de trabalho em turismo? o que é bom nessa relação? o que se pode mudar?

6. Qual perfil de turismólogo o mercado de trabalho da sua área espera?

7. Primeiramente, como você enxerga a relação do estágio com a empregabilidade no setor do turismo?

8. E como você enxerga a relação da extensão universitária com a empregabilidade no setor do turismo?

Conclusão

10. Há algo mais que você gostaria de adicionar a respeito dos temas tratados neste questionário e nesse estudo?

APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO PARA PROFESSORES DO CURSO DE TURISMO DA UFPR

Apresentação do trabalho

“Com este trabalho eu pretendo traçar algumas considerações acerca da formação superior em turismo, da empregabilidade na área e da relação mercado-academia. Além disso, eu também busco discutir a importância de uma formação alinhada ao mercado atual e a relevância da extensão universitária e do estágio para atingir tal objetivo. Por isso a importância de abordar a formação proporcionada nos cursos superiores de turismo e o porquê desse questionário”.

Perguntas

2. Você pode falar um pouco sobre a estrutura curricular do Curso de Turismo da UFPR?
3. Quais são os métodos de ensino-aprendizagem utilizados no curso?
4. Que perfil de graduados em Turismo você acredita que são formados pela UFPR?
5. O que você acha que o mercado espera da formação superior em turismo e o que realmente é oferecido?
6. Você observa problemas entre a formação superior em turismo e o mercado de trabalho? Se sim, quais?
7. Existem iniciativas desenvolvidas em conjunto entre o mercado de trabalho em turismo e o Curso de Turismo da UFPR? Quais são? Como acontecem?
8. Para você, qual o papel do estágio para a formação dos alunos?
9. E o papel da extensão universitária para a formação dos alunos?

10. Com base nessas discussões que tivemos e na sua experiência em educação superior de turismo, para você esse é o cenário ideal de formação de bacharéis em turismo? O que você mudaria neste cenário ou como complementaria essa formação?

Conclusão

11. Há algo mais que você gostaria de adicionar a respeito dos temas tratados neste questionário e nesse estudo?

APÊNDICE 3 - APRESENTAÇÃO DO QUESTIONÁRIO “O PAPEL DO ESTÁGIO E DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS BACHARÉIS EM TURISMO”

Caro (a) respondente, este questionário está sendo desenvolvido pela discente Victória Xavier (victoria.xdutra@gmail.com), sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a. Márcia Nakatani, e faz parte do trabalho de conclusão do Curso de Bacharelado em Turismo da Universidade Federal do Paraná - UFPR.

O estudo tem como objetivo compreender de que maneira a extensão universitária e os estágios podem colaborar para a empregabilidade dos egressos de turismo no mercado de trabalho em turismo.

O questionário está dividido em cinco blocos: 1) apresentação, 2) formação superior em turismo e mercado de trabalho em turismo, 3) estágio, 4) extensão universitária e 5) informações pessoais. Estima-se cerca de 5 minutos como tempo necessário para concluir o formulário.

Por favor, responda às questões com toda sua franqueza. É garantido o sigilo e o anonimato das informações obtidas, preservando a privacidade dos participantes. Seus dados não serão compartilhados e muito menos comercializados com outras entidades. Os resultados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

*Por ser realizada de forma espontânea via internet, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) está implícito.

Agradeço sua contribuição.

APÊNDICE 4 - QUESTIONÁRIO “O PAPEL DO ESTÁGIO E DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS BACHARÉIS EM TURISMO”

1. 1. Ano de ingresso no curso: *

Marcar apenas uma oval.

2021

2020

2019

2018

2017

2016

2015

2014

2013

2012

2011

2010

Formação superior em turismo e mercado de trabalho em turismo

2. 2. Por que você escolheu cursar Graduação em Turismo? *

Marcar apenas uma oval.

Vocação

Empregabilidade

Concorrência no processo seletivo

Influência familiar

Experiências anteriores na área

3. 3. Qual a principal contribuição do curso superior em turismo para o aluno? *

Marcar apenas uma oval.

A obtenção do diploma de nível superior

A aquisição de formação profissional

A aquisição de formação teórica

4. 4. Quais tipos de atividade acadêmica complementar você desenvolve/desenvolveu durante o curso além das obrigatórias? *

Selecione uma resposta em cada linha.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Desenvolvi	Não desenvolvi
Atividades de ensino e pesquisa (monitorias, projetos e grupos de pesquisa, apresentação de artigo científico em eventos, publicação de artigos científicos em periódicos, bolsa de Iniciação científica e/ou participação em programas de voluntariado)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Atividades de extensão (atuação em projetos de atividades de extensão da UFPR)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participação em eventos e cursos (eventos e cursos inerentes à área de Turismo e afins)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estágio não obrigatório	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Representação estudantil (presidência ou diretoria da Trilhas – Empresa Júnior de Turismo, do Centro Acadêmico de Turismo, do Diretório Acadêmico dos Estudantes da UFPR)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

5. 5. O que te faria sair da área de turismo? *

Selecione quantas opções desejar.

Marque todas que se aplicam.

- Dificuldade de inserção profissional
- Baixa remuneração
- Condições de trabalho (jornada de trabalho, ambiente, etc)
- Não regulamentação da profissão
- Baixa perspectiva de planos de carreira e de ascensão profissional
- Empregos com funções operacionais

Outro: _____

6. 6. Analise as afirmações em relação a formação superior em turismo e o mercado de trabalho em turismo. *

Para as questões seguintes utilizou-se uma escala Likert de 5 pontos em graus de concordância, sendo 1 DISCORDO TOTALMENTE e 5 CONCORDO TOTALMENTE. Julgue as afirmações de acordo com seu curso de formação superior. Atenção, você deve assinalar uma resposta por linha!

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo totalmente	Discordo	Não tenho certeza	Concordo	Concordo totalmente
Há interligação entre teoria e prática durante o ensino superior em turismo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A formação superior em turismo está alinhada às demandas do mercado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os conhecimentos e habilidades aprendidos na academia são utilizados no mercado de trabalho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
É necessário um maior vínculo entre os cursos superiores de turismo e as empresas do setor.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Parcerias entre as Instituições de Ensino Superior e o mercado de trabalho permitem que a academia ofereça uma formação alinhada à atual demanda.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Parcerias entre as Instituições de Ensino Superior e empresas do setor permitem o aumento da conexão do aluno com o mercado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A titulação acadêmica proporciona acesso ao mercado de trabalho e à empregabilidade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A academia forma futuros profissionais competitivos para atuar no mercado.

Um ensino superior de qualidade deve possuir atributos característicos de empregabilidade.

As atividades acadêmicas complementares geram um maior envolvimento acadêmico e profissional durante a graduação.

O mercado requer pessoas com experiências técnicas.

Estágio

7. 7. Qual sua situação em relação a experiências de estágio durante a formação? *

Marcar apenas uma oval.

- Atualmente faço estágio (não obrigatório ou obrigatório)
- Já fiz estágio
- Nunca fiz estágio

8. 8. O que motivaria você a fazer estágio durante a formação superior? *

Selecione quantas opções desejar.

Marque todas que se aplicam.

- Experiência profissional
- Remuneração
- Desenvolvimento de habilidades
- Ampliação da rede de contatos
- Cumprimento das horas complementares
- Cumprimento de horas obrigatórias

Outro: _____

9. 9. Analise as afirmações em relação a estágios. *

Para as questões seguintes utilizou-se uma escala Likert de 5 pontos em graus de concordância, sendo 1 DISCORDO TOTALMENTE e 5 CONCORDO TOTALMENTE. Julgue as afirmações de acordo com seu curso de formação superior. Atenção, você deve assinalar uma resposta por linha!

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo totalmente	Discordo	Não tenho certeza	Concordo	Concordo totalmente
Estagiar possibilita enriquecimento de competências aos discentes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Experiências com estágio impulsionam o início da carreira profissional no mercado de trabalho do turismo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estágio consolidam as aprendizagens das aulas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Experiências com estágios são diferenciais no mercado de trabalho do turismo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estágios contribuem de forma aplicada para a formação de perfis profissionais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10. 10. Experiências com estágio são mais úteis para: *

Marcar apenas uma oval.

- O mercado de trabalho
- A formação acadêmica e pessoal
- Ambos

**Extensão
universitária**

A extensão universitária é desenvolvida em forma de: Programa de Extensão, Projetos de Extensão, Curso de Extensão, Evento de Extensão e Prestação de Serviço Extensionista.

11. 11. Qual sua situação em relação a extensão universitária durante a formação? *

Marcar apenas uma oval.

- Atualmente participo de extensão
- Já participei de extensão
- Nunca participei de extensão

12. 12. O que motivaria você a fazer extensão universitária durante a formação superior? *

Selecione quantas opções desejar.

Marque todas que se aplicam.

- Experiência profissional
- Bolsa de extensão
- Desenvolvimento de habilidades
- Ampliação da rede de contatos
- Cumprimento das horas complementares

Outro: _____

13. 13. Analise as afirmações em relação a extensão universitária. *

Para as questões seguintes utilizou-se uma escala Likert de 5 pontos em graus de concordância, sendo 1 DISCORDO TOTALMENTE e 5 CONCORDO TOTALMENTE. Julgue as afirmações de acordo com seu curso de formação superior. Atenção, você deve assinalar uma resposta por linha!

Marcar apenas uma oval por linha.

	Discordo totalmente	Discordo	Não tenho certeza	Concordo	Concordo totalmente
Experiências com extensão universitária influenciam no futuro profissional.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A atuação em extensão universitária possibilita enriquecimento de competências aos discentes.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A extensão universitária contribui de forma aplicada para a formação de perfis profissionais.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. 14. Experiências com extensão universitária são mais úteis para: *

Marcar apenas uma oval.

- O mercado de trabalho
- A formação acadêmica e pessoal
- Ambos

Informações pessoais

15. 15. Com qual gênero se identifica? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não dizer

16. 16. Qual sua idade? *
